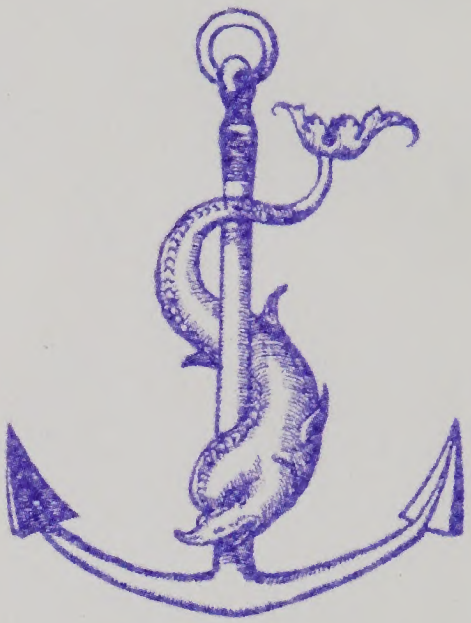
Rare Collection

PN
682
.B55
.M35
1734



L. Tom Perry Special Collections
Harold B. Lee Library
Brigham Young University

BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
3 1197 23877 7517

Digitized by the Internet Archive
in 2020 with funding from
Brigham Young University

https://archive.org/details/avesillustradase00mari

AVES ILLUSTRADAS EM AVISOS PARA AS Religioſas ſervirem os officios dos ſeus Moſteiros.

Sua verdadeira Autora A M.R.M.

MARIA DO CEO,

Religioſa, e duas vezes Abbadeſſa do religioſiſſimo Moſteiro da Eſperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal.

Dado ao Prelo pela diligencia de

JOSEPH FRANCISCO DE BALUCEATO,

natural da antiga Eſcocia, e Catholico Romano.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES
Impreſſor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXIV.

Com todas as licenças neceſſarias.

UPB

ADVERTENCIA.

Orrem impreſſos tres livros de oitavo, cujos titulos ſaõ os ſeguintes: Fenix apparecida, vida de Santa Catharina Virgem, e Martir na Officina Deslandeſiana anno 1715. A Precioſa, allegoria moral na Officina da Muſica anno 1731. A Precioſa, obras de miſericordia na meſma Officina anno de 1733. Deſtes tres livros, deſte, e de outros muytos, que ſe podem fazer das ſuas ſingulares obras, he ſua verdadeira Autora a M. R. M. Maria do Ceo Religioſa, e duas vezes Abbadeſſa do religioſiſſimo Moſteiro da Eſperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal, que pela ſua grande modeſtia, e muyta humildade nunca quiz uſar do ſeu nome em as ditas obras, e ſó em algumas dava por Autora a M. Marina Clemencia Religioſa de S. Franciſco no Moſteiro da

Ilha de S. Miguel, em cujo nome correm os tres livros referidos, que por diligencia de outras Religioſas ſe paſſáraõ os traſlados para fóra do Moſteiro a peſſoas, que ſabendo eſtimar o ſeu valor, os imprimiraõ á ſua cuſta, ſem que a ſua Autora o ſoubeſſe, ſenaõ depois de impreſſos. Eſcuſo de ponderar o admiravel de todas eſtas obras, porque nas approvaçoens, que dellas fizeraõ os Reverendiſſimos Padres Meſtres, e Doutores, que por ordem do ſanto Officio, do Ordinario, e do Paço as reviraõ, acharáõ os curioſos, e eſpirituaes a eſtimaçaõ, que dellas fazem, e o ſubido grao, em que as poem, dando quaſi todos a entender, ſem o declarar, o nome verdadeiro de ſua Autora. Só o Reverendiſſimo, e ſapientiſſimo Padre Meſtre Antonio dos Reys incanſavel deſcobridor da verdade, que ſempre a moſtra como eſtrella fixa entre tantas, e luzidiſſimas eſtrellas, de que ſe compoem, e adorna o Ceo da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte, foy o primeiro, que nomeou no ſeu livro dos Epigrammas a M. Maria do Ceo por Autora da Fenix renaſcida, primeiro livro, que das ſuas obras ſe imprimio. Com eſta advertencia ſe reſtitue ao Moſteiro da Eſperança

perança a gloria de ter creado huma Religioſa de taõ relevantes prendas, e á Provincia de Portugal o credito de ter huma filha, que faz parelha com as mayores Eſcritoras, que tem havido, e naõ falta quem diga que excede a muytas.

INDEX

DOS DISCURSOS, DE QUE se compoem eſte livro.

I. O Pavaõ á Prelada.
II. A Andorinha á Vigaria da Caſa.
III. A Chamariz á Vigaria do Coro.
IV. O Pintaſirgo á Meſtra das Noviças.
V. O Pardal á Madre das Confiſſoens.
VI. O Roxinol ás Sacriſtans.
VII. O Gallo á Porteira.
VIII. O Papagayo á Rodeira.
IX. A Pega á Eſcrivã.
X. A Rolla á Celleireira.
XI. O Ganſo á Proviſora.
XII. A Pomba á Enfermeira.
XIII. A Cegonha á Refeitoreira.
XIV. A Coruja á Roupeira.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO REVERENDISSIMO Padre Mestre Antonio dos Reys, da Congregaçaõ do Oratorio, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

O Livro intitulado Aves illustradas em avisos para as Religiosas servirem os officios das seus Mosteiros, de que he Autora a R. Madre Maria do Ceo, Religiosa do Mosteiro da Esperança, está cheyo de dictames taõ santos, e escrito com tanta discriçaõ, e piedade, que se faz merecedor da luz publica, que com tanto zelo lhe procura Joseph Francisco de Baluceato. He o que me parece, V. Eminen-

cia mandará o que for ſervido. Lisboa Ocidental, e Congregaçaõ do Oratorio 26. de Março de 1734.

Antonio dos Reys.

CENSURA DO REVERENDISSIMO Padre Meſtre Fr. Antonio de Santa Maria, Religioſo da Real Congregaçaõ dos Agoſtinhos deſcalços, Ex-Prior do Convento de monte Olivete, Qualificador do ſanto Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato.

EMINENTISSIMO SENHOR.

COmo Deos para ſe oſtentar admiravel em ſuas creaturas, permittio a ſua inacceſſivel Providencia expreſſaſſe neſte livro intitulado *Aves illuſtradas* com aviſos para as Religioſas ſervirem os officios dos ſeus Moſteiros, o ſeu nome proprio a M. R. e Religioſiſſima Madre Soror Maria do Ceo, occultando-o por incomprehenſives juizos do Altiſſimo a ſua rara modeſtia, e profunda humildade em todas as mais obras, com que tem aſſombrado o univerſo: he eſte o mais elevado elogio,

gio, que podia excogitar a Rhetorica, empenhando todos os ſeus tropos, e applicando todas as ſuas figuras para a declamar portento, admiraçaõ, e aſſombro entre todas as Heroinas, que publica a fama, e venera o mũdo. Por iſſo para nelle ſe publicar a ſua incomparavel, e profunda ſabedoria ſaõ mudas as vozes das Aves, que neſta obra fallaõ, taõ diſcretas, como elevadas; e ainda convertendo-ſe todas as creaturas em linguas, ſempre ſeriaõ groſſeiras nas expreſſoens da ſua elevada ciencia. Aprendendo as Religioſas eſta, que a Autora, Aguia habitadora do Ceo, eſtudou na eſcola da contemplaçaõ continua, e leo no livro da divina Sapiencia, acertáraõ os dictames mais ſolidos para exercerem perfeytas as occupaçoens dos ſeus clauſtros. Os do religioſiſſimo, e nobiliſſimo Convento da Eſperança deſta Corte foraõ em todas as idades, e ſaõ no preſente ſeculo a caſa, que fundou a divina Sabedoria com mais portentoſa arquitectura, que aquella, que excogitou Salamaõ. Em ſete colunas ſe firmava aquella, e em muytas mais, que ſaõ todas as Religioſas deſte por excelſo Pantheon, a que naõ ſei o numero, ſe eſtabelece eſta. De huma

mandaõ-ſe as eſcravas ſahir a publico, e convocar para a claſſe, ou fortaleza das ciencias: neſta fechandoſe as mais deſclarecidas ſenhoras deſte Reyno, diſcorrem os paſſos mais largos esferas mais dilatadas, perſuadindo, admirando mais com o elevado das pennas, q̃ com o fino das vozes, a buſcarem aquellas irrefragaveis doutrinas, que ſe aprendem nas aulas celeſtiaes. Do Ceo deſceraõ eſtas, que vejo eſcritas neſte livro, que pertende dar ao prelo Joſeph Franciſco Baluceato, taõ conformes aos dogmas de noſſa ſanta Fé, e bons cuſtumes, que ſe faz acredor da licença de V. Eminencia para ſe eſtampar. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental Convento da Boa hora dos Agoſtinhos deſcalços 2. de Abril de 1734.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIſtas as informaçoens, podeſe imprimir o livro intutilado *Aves illuſtradas*, compoſto pela Madre Soror Maria do Ceo; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 2. de Abril de 1734.

Fr. R. Lancaſtro. Silva. DO

DO ORDINARIO.

PODeſe imprimir o livro, de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 5. de Abril de 1734.

Gouvea.

DO PAÇO.

CENSURA DO REVERENDISSIMO Padre Meſtre Fr. Manoel de Sá, Exprovincial, e Diffinidor perpetuo da Provincia do Carmo de Portugal, Chroniſta geral da meſma Ordem neſtes Reynos, e ſeus Dominios, Prégador do Sereniſſimo Senhor Infante D. Franciſco, Qualificador do ſanto Officio, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, Examinador das tres Ordens Militares, e Conſultor da Bulla da Cruzada.

SENHOR.

MAndame V. Mageſtade que veja eſte livro intitulado *Aves illuſtradas*

das &c. E que dê o meu parecer, ſobre ſe he digno de ſahir a luz. Eu o li, e revi com eſpecialiſſima attençaõ, e naõ poſſo deixar de dizer, que para ſer obra util, deleitavel, e benemerita de andar nas maõs de todos, baſta entenderſe, que a ſua eruditiſſima Autora he a Madre Maria do Ceo, Religioſa, e duas vezes Abbadeſſa do ſeu obſervantiſſimo Moſteiro da Eſperança deſta Cidade de Lisboa Occidental, da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, Heroina aſſas conhecida naõ ſó pelo illuſtre de ſeu ſangue, mas tambem pelas ſuas letras, e virtudes, como publicamente teſtificaõ outros livros, que já ſe deraõ ao prelo com plauſibilidade univerſal, ſe bem disfarçados com o ſuppoſto nome de ſoror Marina Clemencia, Religioſa tambem de ſeu prodigioſo Padre ſaõ Franciſco no Moſteiro da Ilha de Saõ Miguel. Nelles, e neſte moſtra eſta douta, e exemplariſſima Autora, o quanto he verſada na liçaõ, e eſtudo das letras divinas, e profanas, e que a grande, e profunda vaſtidaõ de noticias, e erudiçoens, adquiridas de ambas, com que exorna as ſuas elavadiſſimas idéas, a energia, e ſuavidade do dizer, com que dá alma ao ſeu

ſin-

ſingular eſtilo ; a elegancia, e dom de clareza, com que exprime as ſuas perſuaſoens devotas ; a melodia, e facundia, com que anima de eſpiritos canoros os ſeus verſos, a fazem ſuperabundantemente exceder, naõ digo já os Demoſthenes, e Tullios, os Orpheos, e Mantuanos, e mais Coripheos da eloquencia Grega, e Latina, mas no ſeu meſmo ſexo as antiquiſſimas Aſpaſias, as Diotimas, as Falaſias, as Saphos, as Elpes, as Falconias, e outras muytas Heroinas da literatura Poetica, e Proſaica, de que fazem honorifica mençaõ as Hirtorias com perduraveis elogios, dos quaes todos ſe faz eſta noſſa Eſcritora eſclarecidamente benemerita, como tambem a doutiſſima, e religioſiſſima Provincia, de que he filha, e o obſervantiſſimo Moſteiro, de que foi Prelada, e he alumna ; pois que com os ſeus eſcritos, em que eterniza o ſeu nome, a ſua gloria, a ſua fama, ſe acreditaõ o ſagrado ſayal de huma, e a veneravel clauſura de outro ; e como neſte naõ ha apice algum, que offenda o Real ſerviço de V. Mageſtade, nem as regalias deſtes Reynos, entendo, que naõ deſmerece a permiſſaõ de correr impreſſo, como Joſeph Franciſco de Baluceato pede

aV.

a V. Mageſtade, que ordenará o que for ſervido. Convento de N. Senhora do Carmo de Lisboa Occidental 15. de Abril de 1734.

Fr. Manoel de Sá.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do ſanto Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará a eſta Meſa para ſe conferir, taxar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 17. de Abril de 1734.

Pereira Teixeira.

EStá conforme com o ſeu original. Lisboa Occidental, Convento da Boa Hora dos Agoſtinhos deſcalços 27. de Agoſto de 1734.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 27. de Agoſto de 1734.

Fr. R. Lancaſtro. Teyxeyra. Soares.

Viſto

VIsto eſtar conforme com o ſeu original, póde correr. Lisboa Occidental 27. de Agoſto de 1734.

Gouvea.

QUe poſſa correr, e taxaõ em cem reis em papel. Lisboa Occidental 31. de Agoſto de 1733.

Pereyra. Teyxeyra.

DISCURSO I.

O PAVAM A' PRELADA.

Hegou hum dia, em que fallárão os brutos como os homens, de alguns, em que houve homens, que fallárão como brutos: houve huma hora, em que as aves moſtrárão mais liberdade nos bicos, do que nas azas; com eſtas cortão o ar, com eſtes enſinão agora aos racionaes: illuſtradas pela aguia ſua Rainha, que bebe luzes na eſfera do Sol, ſe atrevérão a dar documentos aos homens; começárão a miſſão pelos clauſtros; que aonde ſão mais obrigatorias as virtudes, eſtão mais importantes os aviſos, e neſtes não ſe deve olhar a quem os dá, mas ſó ao que ſão. Paſſeava huma Prelada pela ſua cerca, quando neſta

se encontrou com hum pavaõ; disselhe amigavel: Pavaõ, queres darme os teus olhos para vigiar o meu mosteyro? Saõ poucos, respondeo o pavaõ; e porque o discurso pede vagar, ouvi-o com descanço: Saõ poucos, senhora, os meus olhos para a vossa obrigaçaõ, porque huma Prelada ha mister os olhos da pomba para olhar as afflictas, e as enfermas; que só quem vé com olhos de amor, vé com misericordia; e está obrigada a examinar os males, quem he obrigada a darlhes o remedio, a descobrir as feridas, quem lhes deve os unguentos: para as sans haveis de vigiar, se lhes falta o sustento; para as enfermas, se lhes falta o regalo; naõ haveis de descançar na enfermeyra; que vós dais, e ella administra; vós mandais, e ella obedece; ella poem, e vós dispondes.

Haveis mister os olhos da serpente para ver, e medir todas as cousas com prudencia: naõ seja que sobeje da justiça para o rigor, nem da misericordia para a omissaõ, nem de todo haveis de desembainhar a espada, nem de todo haveis de derramar do vaso o oleo; descobri huma mediania, que sem vos negar de mãy, vos deyxe juiza.

Haveis

Haveis miſter os olhos do leaõ, para que, ainda dormindo, os tenhais abertos; quem governa a nenhuma hora os ha de ter fechados; haveis de vigiar de dia, e haveis de vigiar de noite: adverti, ſenhora, que o eſpoſo ao meyo dia convida a alma para as delicias, e á meya noite chama as virgens para a conta; eſpreitay de dia a ver, ſe acertaõ com as piſadas, vigiay de noite a ver, ſe tem cevadas as alampadas: *Media nocte clamor factus eſt: Si ignoras te, egredere, & abi poſt veſtigia gregum, & paſce hædos tuos.* Haveis de miſter os olhos do lince para verdes os atomos em voſſas amigas, e os de topeira, para que naõ enxergueis a areſta em voſſa contraria, e deſta maneira fareis da contraria amiga, e da amiga religioſa. Naõ obſtante a differença deſtes olhos, vos encommendo tenhais a viſta igual, naõ ſeja que a huãs vejais por cryſtal, e a outras por enſerado: Que diraõ, ſe á mais chegada vedes com oculos de ver ao longe, e à mais affaſtada com oculos de ver ao perto? Iſto he contra toda a razaõ; todas ſaõ voſſas filhas, eſpeculaçaõ igual, ſe naõ tereis com olhos direitos viſta torta.

Neceſſitais dos olhos da aguia, para que

eſtudeis nas luzes: a voſſa obrigaçaõ he taõ alta, que a naõ podeis aprender na terra: direçaõ para eſpoſas do Sol naõ ſe eſtuda na ſõbra. Haveis de miſter os olhos de todos para vos examinardes a vós: o amor proprio he muyto cego, ha de miſter muyta luz para ſe conhecer: exame de mim para mim he exame groſſo; exame de outrem para mim he exame delicado. Perguntay ás outras por vós, e eu vos ſeguro, que vos enxerguem a mais pequena areſta: vós podeis em vós naõ ver a tranca, e as outras haõ de enxergarvos até o argueiro: ſabey pelas mais o como ſe fala no voſſo procedimento, que até o Filho de Deos perguntou a ſeus diſcipulos: Que dizem lá do Filho do homem? Vós naõ ſois melhor, que o Filho de Deos. Que olhos vós direy, ſenhora, haveis de miſter para vigiardes a pureza de voſſas filhas? Certo que naõ acho outros, ſenaõ os de Deos: olhos humanos para ciume divino tem pouca luz; ainda que tragaõ muyto cuydado; veraõ o pó no cryſtal, a nodoa na perola, o atomo no Sol; mas naõ enxergaõ o quanto perde o Sol, a perola, e o cryſtal no pó, na nodoa, e no atomo: para zelar a pureza das eſpoſas de Deos, ſó olhos

olhos de Deos ſervem. Já vejo, ſenhora, que me perguntais o como tereis eſſes olhos. Como? Trazendo a Deos ſempre diante dos voſſos, quando as vigiardes, e aſſim vendo por elle, vereis como elle: ſe as zelardes com os olhos de Deos, logo as guardareis dos olhos dos homens: as mais creaturas creou-as Deos para as creaturas, mas as Religioſas creou-as Deos para o Creador; as vegetativas, e ſenſitivas creou-as para beneficio do homem, as racionaes, falando em quanto na terra, creou-as no mundo para os do mundo; mas as ſuas eſpoſas creou-as ſó para ſi; pois as mais, que as vejaõ os outros; mas as ſuas eſpoſas, que as veja ſó elle.

Haveis de ter as voſſas Freiras, aſſim como o avarento tem o ſeu theſouro; o theſouro do avarento todos ſabem eſtá em ſua caſa, mas nenhum o trata, nenhum o vé, nenhum o communica, porque he taõ guardado, que ſó de ſi o fia: o voſſo theſouro naõ ſaõ as flores dos voſſos jardins, naõ ſaõ os pomos da voſſa cerca, naõ he o graõ do voſſo celleiro, naõ he o adorno das voſſas capellas, naõ he a prata da voſſa ſacriſtia; ſaõ as voſſas Religioſas, as voſſas ſubditas; a eſ-

tas haveis de guardar, como o avarento guarda o ſeu theſouro: elle guarda ouro, de que ſe ha de tomar conta a ſi; vós guardais perolas, de que haveis de dar conta a Deos; ſejaõ as voſſas Freiras theſouro eſcondido em campo manifeſto; quereis que as venerem como deoſas, fazey com que as conheçaõ ſó por fé; ſaõ de Deos, naõ as vejaõ os homens.

Quando o eſpoſo bateo ás portas da eſpoſa, naõ lhe diſſe ſó: Abre; diſſelhe: Abreme a mim: *Aperi mihi*; pois naõ baſtava, que eſte amante para entrar, diſſeſſe á ſua amada, que lhe abriſſe; *Aperi*? Naõ, que o ciume ſia delgado, que o entendimento, e o que baſta para a razaõ, naõ baſta para o receyo; diſſelhe: Abreme a mim, para que entendeſſe, que havia de ſer a elle, e naõ a outrem; ſó a mim has de abrir, ſó a mim has de ver, ſó comigo has de tratar, a mim, e naõ a outrem: *Aperi mihi*. Naõ vos fieis, ſenhora, em as verdes puras, em as verdes juſtas, em as verdes perfeitas, que a cautela he dos ſantos, dos perfeytos, e dos juſtos. Santa era a Eſpoſa dos Cantares, e pedia que a cobriſſem; eſtava taõ perfeyta, que morria de amores: *Amore langueo*; e na meſma enfermi-

midade dizia que a cobriſſem, que a cercaſſem; naõ pedia flores ſó para deſaffogar o ſeu incendio nas penas, nos trabalhos, de que eraõ jeroglificos, pedia-as como penas para deſaffogar nellas o ſeu amor, pedia-as como veo para acautelar nellas o ſeu perigo. Cobri-me de flores, que morro de amor, e quanto mais amante, mais acautelada: *Fulcite me floribus.*

Contarvoshey hum conto, pedindovos primeyro o naõ tomeis como fabula, ſenaõ como exemplo. Em certa idade tratou o Sol de caſarſe; naõ pode ſer com a Lua, porque he ſua irmã; taõ pouco com as eſtrellas, porque ſaõ ſuas vaſſallas: ajuſtouſe o caſamento com huma eſclarecida Princeza, que tinha a ſua habitaçaõ lá nas primeyras terras do Oriente: ſe foſſe neſte tempo, que Grande haveria que deyxaſſe de cuydar, merecia ſó ſua filha o ſer eſpoſa do Sol! Ouvindo os homens celebrar nupcias a eſte Planeta, e julgando, que tal poderia ſer a eſpoſa de tal eſpoſo, partiraõ de diverſas naçoens a buſcalla na ſua corte para vella, ou para melhor dizer para admiralla; chegaraõ ás portas do ſeu palacio, aonde encontráraõ hum veneravel ſugeyto, que fa-

zia officio de porteyro, veſtido de huma tella illuminada nas luzes do Sol, que já por alli andavaõ os ſeus deſperdicios; tendeme, ſenhora, ſegredo neſte veſtido, que ſe o ſabem as vaidoſas deſta era, haõ de furtar os rayos ao Sol para tecerem os ſeus tiſſus. Aſſim como os vio a perſonagem, diſſe: Que vem fazer aqui tanta gente? Reſpondéraõ todos a huma voz: Vimos a ver a eſpoſa do Rey dos Planetas. Aqui o veneravel abayxando os olhos, ſeverizando o ſemblante, formando ſenho, diſſe: E quem ſe ha de atrever a pór os olhos na eſpoſa do Sol? Eſta palavra proferida, voltaõ todos as coſtas, e aquelles paſſos, que tinha dado a curioſidade, deſandou o reſpeyto.

Eſte ſimile, ſenhora, fala comvoſco, eſte exemplo para vós ſe fez; quando ou a politica, ou a curioſidade, ou a galantaria vos pedir viſtas de voſſas Freiras, reſpondey: E quem ſe ha de atrever a pór os olhos nas eſpoſas de Deos? E eu vos ſeguro, que logo vos voltem as coſtas: o nome de eſpoſas de Deos até os barbaros reſpeytaõ, como o naõ haõ de reſpeytar os Catholicos? Ouvi a eſte propoſito hum caſo verdadeiro. Nas Indias de Caſtella conquiſtan-

tando os Heſpanhoes o Reyno de Chile, ſempre bem reſiſtido, e mal domado, já quando em ſeus paizes haviaõ levantado ſuas colonias, o bravo Chileno, barbaro na naçaõ, politico no valor, ao rigor de ſuas ſettas entrou a ſaco huma daquellas Cidades, ſem que as armas Heſpanholas a podeſſem defender da furia Americana; repartiraõ-ſe os priſioneiros, entre os quaes coube por ſorte a hum Cazique huma donzella na profiſſaõ Religioſa, e na formoſura eſtremada; olhou-a o Indio, e ficou cativo de ſua eſcrava: que o amor aſſim como abranda feras, ſugeita barbaros; e vendo que com as lagrimas accreſcentava as perolas daquelle Sul, lhe diſſe amante: Se hoje choras o teu cativeyro, á manhã o naõ quererás trocar pela tua liberdade, pois ficas ſendo minha eſpoſa, mulher de hum Cazique; nem na tua terra podias ter melhor ſorte, nem neſta melhor fortuna. Reſpondeo a donzella, mudando flores em ſuas faces o duplicado de ſeu ſuſto: Eu eſtou deſpoſada com o meu Deos, com que naõ poſſo ſer tua conſorte, e primeyro ſerey victima da tua pira, que companhia do teu talamo; porque ſe minha ſorte me tirou a liber-

berdade, naõ pòde tirarme a fé. Suspendeo-se o Indio a esta resposta, e depois de hum breve intrevallo disse animoso: Naõ permitta o Ceo, que a que he esposa de hum Deos, o fique a ser de hum homem; nem eu sou taõ barbaro, que me atreva a fazer este furto á Divindade; em meu poder ficarás, naõ como escrava, mas como Rainha, naõ como cativa, mas como senhora, que este he o respeyto, que se deve á dignidade de huma esposa de Deos. Assim o disse, e assim o executou, tendo-a em casa separada, servida de Indias, assistida de regalos, e livre de atrevimentos. A Religiosa, que ainda que com este trato se via em Babylonia com saudades de Siaõ, pedio ao Cazique, fiada em tantos favores, a quizesse trasladar á sua terra; condescendeo com a petiçaõ; e por naõ fiar da contradiçaõ dos seus este segredo, atravessou só hum rio, que era divisaõ entre a sua habitaçaõ, e aquella colonia; e sem temer os perigos da vingança, falou aos Hespanhoes, dandolhe o dia, hora, e lugar, em que lhes havia de trazer a donzella restituida, para que estivessem promptos em esperalla. Voltou livre, que se hum gentio foy fiel, como seria barbaro hum Catholico!

lico! Chegou ao porto, e ſitio praticado, entregou a donzella, deyxando aſſim a ella como aos demais admirada ſua reſoluçaõ, ou para melhor dizer ſua virtude. Já vimos como eſte infiel ſe houve com Deos: agora vejamos como Deos lhe paga. Ficou o Indio ſervindo a donzella; naõ diz a hiſtoria aonde; ſeria em caſa de parentes, ſe he que o moſteiro ficou deſtruido. Aqui tocou Deos ao gentio, para que deyxando a gentilidade, profeſſaſſe a fé de Chriſto: já eſtá pago na troca, pois lhe deo a fé pela fineza, tomou o bautiſmo, e ao depois ſua mulher, e filhos, a quem trasladou do paiz barbaro para a colonia fiel.

Eſtes ſaõ, ſenhora, os exemplos, que deveis eſtimar, e aquella he a vigilancia, que deveis ter, para a qual vos diſſe ſerem poucos os meus olhos, porque neceſſitais de tantos mais; eſtimay os avizos de huma ave, a quem a aguia communicou a luz, que bebeo no Sol. Calou o pavaõ, e a Prelada ficou a ponderar diſcurſiva quanto lhe tinha eſcutado attenta, quando huma ave muſica deo fim a eſte lance ſonora; entendeoſe-lhe a letra, porque era dia, em que falavaõ as aves.

De una açucena zeloso
No quiere el Sol esta vez,
Que passe el aire por ella,
Si sopló por el clavel.
Si el alva perlas le dá,
Nó las admitte tambien,
Que hasta vulto de una perla
Es sombra contra una fé.
Porque el ruiseñor no mire
A su belleza fiel,
Antes se dexa morir,
Que se permitta nacer.
Gime el viento, canta el ave,
Y el Sol con la flor cruel
Ni dexa que aliente mal,
Ni dexa que escuche bien.
Si zelas su fé,
Aprende del Sol,
Porque luz te dé.

DISCURSO II.

A ANDORINHA A' VIGARIA da Caſa.

EM a meſma manhã, e em os meſmos clauſtros ſahia da ſua cella a ſegunda Prelada daquelle moſteyro, quando o enfadonho canto das andorinhas ſaudava ao Sol: Calay, dizia a Religioſa, calay andorinhas, que eſtrugís com eſſe deſagradavel canto. Aqui reſpondeo huma: Manday callar as Freyras, e deixay cantar as aves; tendes por voſſa conta o ſilencio, e qualquer palavra em a noyte vos deve eſtrugir mais, que quantas andorinhas ha em a manhã: a palavra, que ouvirdes em a hora prohibida, naõ ſó vos ha de entrar pelos ouvidos, mas vos ha de ferir por elles; até as aves guardaõ reſpeyto á noyte para emudecerem; guardem-no ao ſilencio para naõ falarem; em a hora de callar eſtá a ave muda; como pareçerá em eſta hora a Religioſa

gioſa palreira? Em a noyte até a fera ſoffre o bramido; ſoffra a racional a voz; a que quizer falar a toda a hora, fale com ſuas irmans nas diſpenſadas, e fale com Deos nas prohibidas; perguntelhe com a alma ſanta, aonde paſſa a ſéſta, e perguntelhe tambem, aonde paſſa a noyte, e alli em a ſoledade do ſeu ſilencio lhe falará ao ouvido. Quiz Deos vir ao mundo a reſgatar o genero humano, e como Senhor de todas as horas podia eleger a que quizeſſe para eſta mayor fineza de ſeu amor; naõ eſcolheo a da madrugada, ſendo a mais pura; naõ eſcolheo a da manhã, ſendo a mais alegre; naõ eſcolheo a do meyo dia, ſendo a mais perfeyta; naõ eſcolheo a da tarde, ſendo a mais frequentada; mas eſcolheo a da meya noyte, por ſer a mais quieta. Tanto ama Deos o ſilencio, que preferio a hora do ſilencio a todas as outras, e nem quando vinha a oſtentar finezas, buſcou bullicios: *Dum medium ſilentium tenerent omnia.* De boa razaõ as Religioſas em nenhum tẽpo deviaõ falar mais que o preciſo, e naõ cuydeis, que as aperto muyto, porque ainda aſſim lhes naõ deyxo pouco: falar em hora de recreaçaõ he preciſo, porque já para iſſo eſtá dedica-

dicada, e he hum deſafogo, em que convalece o animo dos apertos da mortificaçaõ para tornar a ella vigoroſo: he preciſo fallar com as enfermas, ou já para conſolallas, ou já para divertillas: he preciſo falar em as occupaçoens do officio proprio, porque he obrigaçaõ o adminiſtrallo: he preciſo o falar ou com a parenta, ou com a amiga, que me buſca, porque o ſer Religioſa naõ me deſobriga de ſer politica, e até aos do ermo ſe extendeo em muytas occaſioens eſta urbanidade; mas advirto-vos a todas que em a recreaçaõ a voſſa hiſtoria ha de ſer eſpiritual, a voſſa graça ha de ſer ſizuda; ás doentes haveis divertir, mas naõ relaxar; em o adminiſtrar os officios naõ mandem com eſtrondo, ſirvaõ com modeſtia: com as ſeculares falem como Religioſas, demlhe a pratica de Deos, e naõ lhe tomem a do mundo, e ſempre caridade com o proximo: com as doentes naõ murmurem das ſans; com as que trabalhaõ naõ murmurem das que deſcançaõ; com as de fóra naõ murmurem das de caſa, e em a recreaçaõ naõ digaõ mal de nada. Vede agora, ſenhora, ſe havendo tanto em que falar no preciſo, tem diſculpa a Religioſa em falar o eſcu-

escusado, e dahi passar ao prohibido. Huma de profissaõ Carmelita descalça, sendo muy nimia em os escrupulos, doença do seu sexo, ao depois de comprir com as mais em o coro a obrigaçaõ do Officio divino, o tornava a rezar em a cella na hora do silencio, e por satisfazer melhor com o seu escrupulo, ou com a sua ignorancia o rezava alto, e lhe aconteceo sentir em si aquella vivente, e asqueroſa praga, que Santa Teresa deyxou para despertador dos defeytos de suas filhas. Como naõ conhecia nenhum daquelles defeytos mais notaveis, a que corresponde aquelle castigo, foy-se ao seu Confessor com esta affliçaõ a darlhe conta da novidade: o Padre, que a venerava perfeyta, porque o era, a examinou muyto miudamente, e vindo a contarlhe o modo, com que rezava o Officio divino, entendeo ser este o defeyto, de que a Santa a avizava; mandoulhe que naõ rezasse o Officio mais que com a Communidade, reprehendendo-a de que estando em silencio, se atrevesse a dizello em tom, que fosse ouvida: obedeceo a boa Religioſa, e logo se achou livre do vivente castigo que a avizava. Em hora de silencio, em tempo de quietaçaõ nem

nem por boca de David se deve fallar alto, nem as palavras de Deos se haõ de pronunciar com estrondo, e a ser de outra sorte, até o que o escrupulo busca para satisfaçaõ, se converte em culpa.

Em certa congregaçaõ de Religiosos perfeytos chegou, como he estylo, o Zelador a denunciar ao Prelado as faltas, em que os Religiosos tinhaõ cahido em aquelle dia; e parecendolhe que lhe naõ ficava mais que dizer, se despedia; aqui chegou a elle hum dos que assistiaõ, e lhe disse: Adverti que vos falta denunciar o como fulano falou na hora do silencio. Respondeo o Zelador: Foy huma palavra só. O Prelado, que percebeo tudo, acudio: E pois ainda havia de ser mais que huma palavra? E logo alli lhe deo a penitencia; assim faz quem fia delgado. Senhora, naõ fieis em estopa, se podeis em hollanda; com tudo naõ hey de dizervos que huma palavra quebranta a ley, porque assim como hum bocado naõ quebra o jejum, assim huma palavra naõ quebranta o silencio: este caso he de perfeyçaõ, naõ de rigor. Fazey, senhora, guardar o silencio, porque ahi assiste Deos, aonde o ha. A Alma santa pedia a seu Esposo

hum zefiro brando para regar as flores do seu horto; naõ lhe pedia o vento, que faz ruido; naõ lhe pedia a agua, que faz estrondo; naõ lhe pedia o sol, que faz publicidade; nada disto lhe pedia para crear as suas flores, para fazer crescer as suas virtudes; mas só lhe pedia hum zefiro brando, huma respiraçaõ mansa, huma viraçaõ muda, porque tudo isto indica hum silencio quieto, e aonde está o silencio, ahi está Deos, e aonde esta Deos, ahi crescem as virtudes. Tudo isto, senhora, vos hey trazido para pordes muyto cuidado em fazerdes guardar esta observancia. Fazey-vos obedecer, que sois Prelada; a primeyra se ha de respeytar como a deosa, a segunda como a primeyra, e quando as virdes comvosco menos attentas, menos rendidas, dizeylhe com imperio o que Christo ao discipulo Filippe: Quem me vê a mim, vê a meu pay: Irmãs quem me vê a mim, vê a minha mayor, a mesma sou para o respeyto, a mesma para a veneraçaõ.

Com as serventes do mosteyro, pois estaõ no vosso dominio, tende muyta conta; hum mosteyro he huma republica pequena; em esta se o povo naõ he bem regido, tudo

tudo vay deſordenado; trazey-as humilhadas,pois ſaõ ſervas;ſe as caſtigardes, ſeja cõ brandura; ſe as favorecerdes,ſeja cõ moderaçaõ, porque aqui o desvanecimento as naõ faça altivas, e lá a demaſia as naõ deyxe irritadas; fazey muyto porque nunca paſſem da ſua esfera, que nella entenderáõ naſceraõ para ſervir: antes que por mal, as leveis por bem, que o rigor faz ſervos inimigos, e o agrado eſcravos voluntarios; ſede para todas, e todas ſeraõ para vós; louvay muyto as que forem melhores ſeguindo a opiniaõ do adagio em a cõdiçaõ da virtude; manday-as ſervir,mas naõ adorar, lembrandovos que as Religioſas faraõ muyto mal o papel de idolos; deixay eſſe para os ſeculares, que ſe fazem adorar dos criados como deoſes; a cujo propoſito vos contarey hum apologo, que naõ deſmerece por fabula, o que merece por exemplo.

Em certa corte da Aſia ſe convidaraõ os grandes, e poderoſos para fazerem entre todos hum banquete: foraõ as prevençoens taõ ſoadas, que até ao Ceo chegou o ſeu eſtrondo: teve Jupiter o deos dos deoſes curioſidade de acharſe neſte convite, aonde ſó faltaria o ſeu nectar: cortou de huma

nuvem huma capa, e bayxou de embuço; neſta fórma entrou, quando já as meſas eſtavaõ poſtas, e os convidados a ellas: diſſe ſer eſtrangeiro, e pedio licença para aſſiſtir em aquella ſolemnidade: elles muy pagos da ſua peſſoa lhe deraõ entre ſi aſſento: em o melhor do banquete perguntou Jupiter aos circunſtantes: E para quem ſaõ as abundantes ſobras que aqui ficaõ? Para os criados, reſpondéraõ elles: E eſſes pratos mais mimoſos, que da meſa mandais? Para noſſas mulheres, tornáraõ os convidados: E os que reſervais? Para os amigos auſentes, reſpondéraõ os grandes: E eſte ajoelhar, eſtas proſtraçoens, eſtas venias, eſtas adoraçoens, que aqui ſe fazem, para quem ſaõ? Para nós, tornáraõ os convidados. Aqui Jupiter dando huma pancada na meſa, que fez eſtremecer a terra, e aturdir os homens, raſgando o embuço, diſſe: E que deyxais para mim? Os homens, que em a acçaõ, e em a luz conhecéraõ a Jupiter, proſtrados a ſeus pés naõ ſabiaõ que dizerlhe; elle com irado ſemblante lhes proferio eſtas palavras: Se naõ quereis contra vós o rayo de Jove, deyxay os banquetes para os homens, e as adoraçoens para os deoſes. A-

qui

qui se fez desapparecido. Agora ao mesmo proposito vos contarey hum succesſo, que naõ he apologo.

Em Hespanha hum poderoso admittio em sua casa hum criado pouco pratico nos estylos dos grandes, por se haver creado em huma aldea; succedeo na mesma manhã, em que entrou, levallo o senhor com outros a acompanhallo a huma Igreja, que estava fóra da Cidade, aonde se fazia festa, a que elle queria assistir: era a festa de tarde, e o Fidalgo antes de chegar ao lugar, quiz jantar em o caminho, para o que já hia prevenido. Notou o aldeano o estarem todos em pé, e descobertos em quanto elle comeo, o ajoelhar ao dar a copa, e jarro, e todas as mais ceremonias reverentes; e já que chegavaõ ao santuario, perguntou o novo criado a seu amo com mais malicia, que singeleza: Senhor, que hey de fazer quando entrar na Igreja? Isso, respondeo o Fidalgo indignado, isso pergunta hum Catholico? Pois, senhor, tornou o moço, eu a vós descarapuceime, ajoelheime, fiz tantas mesuras, que me fica para lá? Aqui o amo dandolhe o riso: (gastava bom humor) Ficate o bater nos peitos. Este suc-

ceſſo, ſenhora, e eſte apologo eraõ para os grandes melhor, que para as Religioſas, porque me parece naõ ha já freira, que ſe deyxa adorar, ainda que haja Religioſa, que ſe deyxa ſervir; e a naõ ſer fóra de meu intento, muyto podéra neſte particular dizer ao mundo; e que diſſera Deos, ſe aſſim como em a fabula Jupiter ſe dignou de falar aos convidados, ſe dignára de falar aos homens?

Tende, ſenhora, muyto cuydado em examinar o voſſo mulherio niſto da ley de Deos, que ha peſſoas muyto ladinas em a pratica, e muyto ignorantes em a doutrina Chriſtã; ellas tem obrigaçaõ de ſaber, e vós de ſaber, ſe ſabem; poderáõ vir do mundo rudes; vede vós em Siaõ, ſe eſtaõ filhas de Babylonia; naõ vos fieis em as verdes eſpertas, nem ainda bem inclinadas, que ſe lhes faltou adoutrina, poderáõ amar a Deos pelo bom natural, e ignorar as ſuas couſas pela má educaçaõ; para ſervir, ſeraõ mulheres vivas, para a confiſſaõ mulheres brutas; poderá haver alguma, que ſaiba quantos pontos tem o aſſucar, e ignore quantos artigos tem a fé. Vigiay o ſeu traje, naõ ſendo q̃ ſervindo Religioſas, viſtaõ como ſe-

ſeculares: pelos ſenhores naõ ſe conhecem os ſervos, mas pelos ſervos os ſenhores; tudo o que nellas for curioſidade, ſerá em vós deſdouro; trajem de ſorte, que quem as vir a ellas, vos conheça a vós: o mayor brazaõ, que tem, he o ſervirem em a caſa de Deos; tragaõ a ſua libré. Peçovos muyto, que as conſerveis muy conformes, porque a deſuniaõ das ſervas naõ perturbe a paz das ſenhoras; ſe ſe vos transluzir algum diſſabor, chegay-as a compor, antes que cheguem a pelejar. Se o Iris apparecera antes da tempeſtade, naõ houvera aquella univerſal rebeliaõ das aguas, aonde a ſua braveza afogou o mundo. Naõ ſe limite o voſſo cuydado neſta materia ſó ás ſerventes, paſſe tambem ás Religioſas, que a tudo ſe extẽde a voſſa autoridade; ſe as virdes deſunidas, levay as mais perfeytas pelo eſcrupulo, e as mais entendidas pela razaõ, as mais azedas pelo carinho, as mais brandas pelo natural, e deſta ſorte as deyxareis em paz, que he grande meſtra a manha. Hum moſteiro ſem uniaõ he como hum relogio deſconcertado, tudo he tempo confuſo, horas perdidas, cordas quebradas: huma congregaçaõ de Religioſas he

hum retrato do Ceo, se tem paz; e he hum boſquejo do inferno, se a naõ tem; o que Deos nellas mais ama, he a uniaõ, porque sem uniaõ naõ ha virtude, naõ ha humildade em quem se sente, naõ ha sofrimento em quem se queyxa, naõ ha caridade em quem se vinga, naõ ha mansidaõ em quem grita, naõ ha oraçaõ em quem se inquieta.

Quando os Anjos annunciáraõ aos pastores a vinda de Christo ao mundo; porque naõ disseraõ Gloria a Deos nas alturas, e na terra aos homens, porque verdadeyramente a gloria estava com Deos em a terra? Sabeis, senhora, o porque? Porque estima Deos tanto a paz, que acháraõ os Anjos, que em dizerem paz diziaõ gloria, parecendolhes que alli estava a gloria, aonde estava a paz: *E in terra pax hominibus.* Aquella celestial Jerusalem deyxou de chamarse visaõ de gloria para chamarse visaõ de paz; pois esta Jerusalem naõ he o Ceo, este Ceo naõ he a gloria? Sim; mas estimou Deos tanto a uniaõ, que querendo dar hum titulo á sua casa, preferio a paz á gloria, e em vez de porlhe o nome de gloria, pozlhe o nome de paz. Os antigos Romanos levantáraõ hum templo á paz; naõ a adorá-

ráraõ em Deos porque eraõ gentios, mas conſtituiraõ-na em deoſa, porque eraõ ſabios: a eſta attribuiaõ as ſuas unioens, a eſta as ſuas vitorias, e as ſuas felicidades; ſede vós em o voſſo moſteiro a deoſa da paz, naõ para que na terra vos levantem altares, mas para que no Ceo vos teçaõ coroas: uni as deſconformes, reconciliay as aggravadas, enlaçay as deſunidas, e aſſim ficareis huma deoſa da paz por officio, e huma ſemelhança de Deos por caridade, porque aquelle, que nos quer a ſi unidos, naõ nos quer huns dos outros ſeparados. Tenho, ſenhora, apurado em eſte breve diſcurſo as luzes, de que a aguia me fez hoje graça; ainda que ouvis os aviſos de huma ave bruta, naõ os deſprezeis de huma hora racional, e eſtes ultimos ecos da paz fiquem em voſſos ouvidos, como muſica branda, naõ para adormecer os ſentidos, mas para deſpertar os cuidados. Voou a andorinha, e ſuſtituiolhe o lugar huma chamariz, que cantou aſſim da paz branda, e ſuavemente.

Por traer lá paz al mundo
El ſoberano ſeñor
Baxa a nacer como hombre,

Quan-

Quando vive como Dios.
Por dar paz al universo,
En una noche se vió
En las escarchas del yelo
Con los incendios de amor.
Todo uniforme le espera,
Nada con seño encontró,
El agua dexa el murmuro,
Dexa el espino la flor.
La fiera de su espelunca
Trueca el bramido en la voz,
Porque es humana la fiera,
Quando es cordero el leon.
Los coraçones conformes
Offrecen eterna union,
Y quando en mil se halla uno,
En tantos nó cuentan dós.
Solo amor se mira armado,
Y contra un niño en rigor,
Mas es mucho contra un niño,
Toda la fuerça de un Dios.
Pazes, pazes al mundo descubra el Sol,
Nó aya lança, ni espada, ni ira, nó,
Solo el amor trayga flechas,
Porque es amor.

DISCURSO III.

A CHAMARIZ A' VIGARIA do Coro.

EM o illuſtriſſimo dia para as aves deſde a ſua janela, achando-a ainda recolhida, falava aſſim huma chamariz á Vigaria do coro: Levantaivos, Senhora, que já venho de chamar as aves, para que louvem a ſeu Creador, e agora vos chamo, para que louveis a voſſo Deos: naõ he bem dem quinao os brutos aos racionaes, as aves ás eſpoſas; compondevos que já as flores ſe toucaraõ de perolas, os montes ſe veſtiraõ de ouro, e grã para eſperar o Sol, e a vós vos eſpera o Ceo; quem tem amores, naõ dorme; ſe vós tivereis amor, madrugareis; ſono, e amor naõ ſe daõ juntos, porque hum ſempre arde, outro nunca opéra; diz lá o Caſtelhano: Quatro horas duerme el Santo, ſeis el que no es tanto, ſiete el eſcudero, ocho el cavallero &c. mas naõ diz quan-

quantas dorme o amante, porque o amante nunca dorme; na fraſe de Sãto, dalhe quatro horas, mas na fraſe de amante naõ lhe achou hora, porque eſte a toda a hora vela: o ſono naõ ſó he deſcredito do amor, mas perigo do entendimento; entorpece neſta demaſia, que ſe fazem groſſeiros os ſentidos: ſem a lima dos ſentimentos o que mais dorme, menos vive, pois furta á vida quanto dá ao ſono, e em quanto naõ acorda, he hum morto ſem ſepultura. Levantaivos a louvar a Deos que já os Anjos vos eſperaõ em o coro, e a que faltar, ſendo moça, manday chamalla; naõ me digais que pode enfadarſe; de que ſe ha de enfadar? De a chamardes, para q̃ louve a Deos? A couſa mais ſanta, a couſa mais util, a couſa mais honroſa? Antes me parece tem que agradecervos o cuydado na ſua obrigaçaõ; a voſſa he taõ alta, como diz o officio, que adminiſtrais, officio divino, certo que naõ merecia para adminiſtrallo mulher humana; ſe aſſim como ha Deos, houvera deoſa, ſó eſta era digna de adminiſtrar o tal officio. Anday ſempre purificada para taõ alto miniſterio, ſempre juſta, ſempre clara, jà que a natureza vos fez huma mulher, a gra-

ça

ça vos aſſemelhe a huma divindade. Adverti, ſenhora, que na reza haveis de ter pauſa, ſilencio, e attençaõ; attençaõ a Deos, em cuja preſença eſtais; ſilencio, porque em quanto ſe falla com o Creador, naõ ſe falla com as creaturas; pauſa, porque os verbos, que pronunciais, ſaõ divinos, e devem ſer muy explicados: coros ſem pauſa ſaõ palavras de Deos em confuſaõ de vozes: olhay aos Anjos cantando em o Ceo aquelle divino motete: Santo, Santo, Santo; pois porque naõ dizem eſtes Muſicos: Santiſſimo, que he o meſmo que tres vezes Santo, e he o titulo, que ſe dá ao meſmo Deos ſacramentado? Sabeis porque? Porque nas tres vezes Santo vaõ tres pauſas, em Santiſſimo huma; e como os Anjos cantaõ á coros, e na preſença de Deos, buſcaõ huma letra, que ſeja a mais pauſada; ainda que ambas ſejaõ letras divinas, ſeja Santiſſimo por antonomaſia, e ſeja tres vezes Santo em o coro: imitay eſtes Muſicos Angelicos, pois comvoſco louvaõ ao Senhor, que louvais. Pauſa em o Officio divino: em duas palavras vos direy, qual eſta attençaõ ha de ſer, naõ attendendo a outra couſa alguma, toda transformada na reza,

no

no canto, e em Deos, a quem se tributa canto, e reza; aqui com Deos se falla, e aonde se falla com Deos, naõ se falla com outrem. Instay muyto em que naõ haja desconcerto: fallar com o livro em Latim, e com as que me ficaõ ao lado em Portuguez, com os pensamentos em todas as linguas, isso será fazer de huma hora de Deos huma torre de Babylonia; se recolhermos os pensamentos, logo recolheremos as palavras, e aonde aquelles naõ devem fazer ruido em a mente, como soaraõ estas em os ouvidos? Adverti, senhora, que alli huma palavra escusada he huma culpa commettida: logo para que havemos misturar peccados com perolas? As palavras de David saõ thesouros, deyxemolos correr sem os embaraçar.

Huma minina de nove annos em certo mosteyro pupilla, falecendo huma companheyra sua, a via todos os dias junto a si, e tomando animo para falarlhe, lhe disse o como vinha ter o seu purgatorio aonde commettera a sua culpa, e que alli satisfazia o que alli com ella falara: fizeraõlhe suffragios, desappareceo a visaõ, deyxando as Religiosas bem advertidas, pois viaõ que ainda

da quem naõ tinha obrigaçaõ á reza, paga nella a divida do reſpeito, quando naõ podia delinquir na da profiſlaõ; e ſe iſto paſſou por huma minina o que paſſará por huma Religioſa? O fogo que naõ perdoou á flor innocente, como ha de perdoar á arvore culpada? Livrenos Deos de ajuntar lenha ao fogo; em todas as horas do coro ſe merece, já com a priſaõ, já com a ſatisfaçaõ, já com o ſacrificio: bom ſerá logo que do tempo, em que podemos fazer noſſa grangearia, naõ grangeemos o noſſo purgatorio; eu creyo que na voſſa Communidade naõ haja huma neſte particular reprehenſivel, mas os aviſos nunca ſe perdem, porque quando os naõ neceſſite ao preſente, póde neceſſitallos ao futuro: ſaybaõ humas o de que ſe livraõ, e outras ao que ſe arriſcaõ. Ouvi hum caſo, que faz ao propoſito do que aqui tenho falado; mas ſobre eſte meu ſentir, ainda que em as Communidades todas ſejaõ boas, ſe acha huma menos perfeyta; á que virdes negligente em acodir ao coro contareis eſte caſo, que traz a hiſtoria Serafica ſuccedido em o Convento de Varatojo.

Retirado a eſte hum Religioſo chamado

Fr.

Fr. André da Insua a tratar das emportancias da sua alma, depois de haver sido Ministro Geral de toda a Ordem; estava huma noite só em a casa da livraria, aonde o tinhaõ agasalhado, quando vio diante de si a hum frade defunto, que elle muyto bem conheceo, mas nunca declarou seu nome; disselhe este com muytas ancias, que o justo Juiz além do fogo do purgatorio o condenara a rezar o Officio divino todos os dias no discurso de hum anno pelas faltas commettidas no seguimento do coro, e que vinha a pedirlhe lhe assignasse hum Religioso, com o qual desse satisfaçaõ ao divino mandato; nomeoulhe logo hum de conhecida virtude, e bom soffrimento, o qual sahindo todas as noytes do coro, ao depois de acabadas as Matinas, entrava na casa do capitulo com luz, e breviario, e fazendo final principiava o Officio, e logo começava a responder o defunto pausada, e claramente, continuando desta maneira até Completas sem interpolaçaõ alguma: o mesmo defunto, tanto que acabou o anno, lhe rendeo as graças pela caridade, com que o ajudara a sahir das penas, mas naõ lhe declarou quem era, nem se lhe manifestou a seus

ſeus olhos. Todas as mais culpas ſe ſatisfazem em o Purgatorio com a moeda do fogo, mas culpas do Officio divino ſó com o Officio divino ſe ſatisfazem, porque naõ ha caſtigo, que as equivalha; haõ de pagarſe com o Purgatorio, e haõ de pagarſe com o officio: as outras pagaõ-ſe huma vez, eſtas pagaõ-ſe duas; ſatisfazemſe com a moeda, que naquelle lugar corre, e ſatisfazemſe com o tributo, que cá faltou.

Fazeivos muyto reſpeytada em o voſſo officio: vós em o coro ſois huma Vice-Abbadeſſa, reprehendey com gravidade, e enſinay com brandura, em o advertir ſede affavel, em fazervos obedecer ſevera; nas ceremonias tende muyto cuydado, naõ ſeja, que a que abayxar a cabeça ao Padre, e ao Filho, a levante ao Eſpirito Santo, que iſſo ſerá fazer em Deos diſtinçaõ da unidade: fazey profundar a venia, porque naõ vejais o que certo Religioſo, que entrando em o coro vio arder nelle hum montinho de faiſcas; parecendolhe encanto notavel pelo lugar, e pela hora o fogo vivo ſem cinza morta, ſe perguntou a ſi meſmo: Que fogo he eſte? Ao que do meſmo incendio lhe reſponderaõ: Somos almas dos Re-

ligiosos defuntos, q̃ ao abayxar a cabeça ao Gloria Patri era com taõ pouca reverencia, que ao nomear o Espirito Santo a tinhamos levantada, e como o Espirito Divino he amor, e o amor fogo, pagamos aqui convertidos em fogo, o que delinquimos contra o amor. Senhora, naõ aggravemos ao Espirito Santo, porque o amor obrigado he suave, offendido terrivel; fazei dar a Deos o seu tributo reverente, puro, e com seu conto, e medida; nem ceremonia, nem syllaba, nem pronúncia de menos, nem tambem de mais. A este proposito vos trarey huma historia.

Hum Rey poderoso mandou hum ministro a cobrar os seus tributos; chegou a recolher o paõ; e perguntando, se vinha a conta certa, lhe disse por zombaria o tributario: Falta hum graõ de trigo: Pois naõ aceyto, responde o ministro, que no tributo do Rey nem hum graõ de trigo ha de ir de menos: levandose da ironia, voltou as costas, e foy arrecadar o tributo das perolas; entregoulhas o depositario, e disse: Estaõ muy bem contadas, e ainda levais huma de mais: Pois deixay-a ficar, disse o cortezaõ, que o tributo do Senhor ha de

ter

ter ſua conta, e ſua medida, nem ha de faltar, nem ha de ſobejar: deyxou huma, e levou as outras. Paſſou a receber hum regalo de aromas, cõ que hum dos magnates preſenteava a ElRey; deolhe a quantidade, que lhe pareceo ſufficiente para offerta de hum taõ grande ſenhor, e vendo que o miniſtro ſe naõ deſpedia, perguntou: Quereis levar mais? Quero, reſpondeo elle; com que lhe accreſcentou a quantidade; e o homem ainda ſem deſpedirſe, deitava o outro mais aromas, e eſte ſempre parado a receber humas, e a eſperar outras, até que o liberal lhe diſſe: Das perolas naõ quizeſtes huma de mais, e dos aromas nunca acabais de ſatisfazervos? Sim, reſpondeo elle, porque as perolas, e o trigo ſaõ tributo d'ElRey, e o que ſe paga ao ſenhor ha de ſer juſto com ſeu pezo, e ſua medida, nem ha de faltar, nem ha de ſobejar: as perolas eraõ divida, os aromas ſaõ amor; daquellas baſta, o que baſta, deſtes naõ ſobra, nem o que ſobra; com que por mais que me deis dos aromas ſignificativos da voſſa vontade nũca hey de dizer baſta, porque he dadiva de amante, e eſſas naõ tem medida. Eſta parabola falla com o voſſo coro: no graõ, e perolas ſe ſym-

bolizaõ as palavras, as ceremonias do Officio divino, tributo do Senhor, que nem ha de ser de mais, nem de menos; nos aromas os pensamentos, que sobem ao Ceo como esses fumos; os affectos, que se abrazaõ com sua materia; estes sejaõ sem conto, e sem medida, porque saõ sacrificio do amor: as palavras, as ceremonias, os cantos sejaõ por regra, porque saõ tributos da obrigaçaõ. Muyto cuydado com o vosso officio, pois vedes que todas as mais saõ ministras dos officios humanos, e vós administrais o Officio divino. Callou a chamariz o discurso, e levantou o canto com a mesma letra, com que primeyro chamou á mesma cella.

Despierta, despierta,
Que quien ama, no es justo, que duerma.
Despierta, Ninfa, a mis vozes,
Que ya tu amante te espera,
Y no es razon, que del sueño,
Tenga zelos la fineza.
Despierta, despierta,
Despierta, que amor te llama,
Y rezelo le parezca,
Que no ha llamado en el alma,
Aun que ha llamado a la puerta.

Des-

Deſpierta, deſpierta,
Deſpierta, que como tardas,
Entra el amor en ſoſpecha,
Porque no ay ojos dormidos,
Onde ay voluntad deſpierta.
Deſpierta, deſpierta,
Mira que la Aurora, y el Alva;
Han ſeguido ſu carrera,
Una a llorar tu ſociego,
Otra a dezir tu pereza.
Deſpierta, deſpierta,
Si para aguardar un Dios,
Que baxa de ſus eſferas.
Eras poco ſiendo amante,
Que ſerás ſiendo groſſera?
Deſpierta, diſpierta,
Una ardiente, y otra pura,
Le eſpera roſa, y moſqueta,
Supueſto, que al amor duermas,
Como a los zelos nó acuerdas?
Deſpierta, deſpierta,
Con melindres te diſculpas
Al tiempo, que ingrata, y neſcia,
Defiendes manchar las plantas,
Quando manchas la fineza.
Deſpierta, deſpierta,
Advierte, para que ſalgas,

Que te ha de dexar mas fea
Un atomo en el amor,
Que una mancha en la belleza.
Despierta, despierta,
Mira, que se tardas más,
Este amante, que te espera
Te ha de bolver las espaldas
Si te offereció las estrellas.
Despierta, despierta,
Que quien ama, no es justo que duerma.

DISCURSO IV.

O PINTASIRGO A' MESTRA das Noviças.

CONtinuavaõ as aves a ſua miſſaõ com aviſos em as officinas : entrou hum pintaſirgo em o Noviciado, aonde achou a Meſtra regando hum craveiro, para que lhe pagaſſe em flores, o que lhe devia em perolas: logo officioſa lhe tirou as ervinhas, que o viço da terra lhe fez brotar ao pé; dahi paſſou a encanniçallo, porque creſceſſem as haſteas á obediencia da prizaõ: depois de compoſto o mudou de lugar, para que mais de preſſa lograſſe o beneficio do Sol, e neſte poſto o defendeo de huma abelha, que lhe buſcava as flores para a tarefa dos favos. Tudo eſteve obſervando a ave illuſtrada; e articulando a voz, diſſe á Religioſa: Notey, ſenhora, o grande cuydado, com que beneficiais eſta planta, e me lembrou o como aquelle Meſtre dos Prégadores,

dores, Monarca dos pulpitos, Oraculo dos ouvintes; aquelle, que das conchas mais toscas sabia tirar as perolas mais finas, o graõ Vieira, dissera em hum sermaõ aos circunstantes: Tratay a vossa alma, como tratais ao vosso cavallo; lembroume para dizervos a vós, que trateis as vossas Noviças, assim como tratais ao vosso craveiro: saõ plantas, que creais para Deos, e naõ flores, que creais para vós. Primeyramente dais ao vosso craveiro o rego da agua, para que medre; day ás vossas Noviças o rego da doutrina, para que cresçaõ; bebaõ nessa agua as virtudes; admoestai-as, para que se conservem Religiosas, que sem este rego ou se murcharáõ em o fervor, ou naõ cresceráõ em as perfeiçoens: naõ haveis de fiarvos só em a chuva do Ceo; haveis de ajudallas com este beneficio em a terra; Deos dará quando quizer por liberalidade, vós dareis quando convém por obrigaçaõ. Os mesmos Profetas, q̃ davaõ á terra o rego da sua doutrina de graça, lhe compráraõ o beneficio do Ceo com muytos suspiros: *Rorate cœli desuper*; espreitais em o vosso craveiro toda a herva inutil para arrancalla; espreitai em as vossas Noviças toda a inclinaçaõ avessa

para

para advertilla: naõ deyxeis arreigar a herva agreſte, que poderá deſtruir a flor mimoſa; cortai-a com ſuavidade, aſſim como o fizeſtes ao craveiro, que vos valeſtes da maõ branda, e naõ do ferro duro, e ſeja logo, quando começarem a brotar, que ao depois de profundadas as raizes, naõ baſta deſtruiremſe as ramas, antes ſahem mais ſoberbas, quando mais mortificadas. Pozeſtes á voſſa planta huma prizaõ de cannas, deitai ás voſſas Noviças hum cordaõ de obediençia; a eſte as haveis de ter taõ ſugeytas, que alli lhes haveis de prender todas as acçoens: creai-as para Religioſas, e neſta virtude lhes ſegurais todas as mais; a obediencia leva comſigo a humildade; em o rendimento levaõ a mortificaçaõ; em o ſacrificio levaõ a pobreza; em a deixaçaõ levaõ a manſidaõ; em naõ terem replica levaõ o ſilencio; em naõ terem voz levaõ a pureza, e a attençaõ; levaõ a penitencia em o culto: grande virtude, a que inclue em ſi tantas virtudes. O pobre faz ſacrificio das riquezas, o humilde da eſtimaçaõ, o puro do appetite, o callado das palavras, o penitente do corpo; porem o obediente faz ſacrificio da alma, offerece todas as tres poten-

potencias, cega o entendimento, mata a vontade, e ſuſpende a memoria, com que fica eſta virtude Rainha de todas.

Naõ reparais em os dous ſacrificios mais memoraveis, de que trata a Eſcritura, o de Abrahaõ, e o de Jephte, ambos taõ parecidos em os ſacrificantes, taõ huns em as victimas, e taõ differentes em as circunſtancias? Manda Deos a Abrahaõ, que lhe ſacrifique a Iſaac; obedece o velho; e cortando pela alma, ſe diſpoem a cortar pelo filho: ſugeytaſe eſte ſem replica, e abaixa a cabeça ao cutelo. Promette Jephte a Deos ſacrificarlhe a primeyra creatura, que de ſua caſa viſſe, ſe chegaſſe victorioſo da guerra; vence, entra em o ſeu domicilio, e a primeyra, que lhe apparece, he ſua filha a feſtejallo; traſpaſſado de dor lhe intima a fatal ſentenca, pedelhe a afflicta donzella dous mezes para chorar a ſua morte, antes de padecella, os quaes lhe foraõ concedidos. Pois Iſaac ſem pedir hum inſtante de vida, ſem expreſſar huma voz de ſentimento, offerece a garganta ao golpe, e a filha de Jephte ſó lamenta a ſua deſgraça, mas pede para choralla dous mezes? Tanto tẽpo para entretella? Naõ he a dor a meſma, naõ he o cu-

o cutelo o proprio, naõ he huma a ſeparaçaõ? Sim he. A filha de Jephte era ſacrificio de ſatisfaçaõ, e Iſaac era ſacrificio de obediencia, e he a obediencia taõ grande couſa, que ainda ſendo o cumprimento da palavra couſa taõ grande, morria Iſaac pela obediencia goſtoſo, e morreo a filha de Jephte pela ſatisfaçaõ laſtimada: os meſmos ſacrificios nos confirmaõ eſte penſamento. Jephte, q̃ fez victima do coraçaõ em a filha, fica ſem algum louvor; e a Abrahaõ ſe lhe daõ tantos, que deyxou em a ſua acçaõ hum panegyrico para toda a poſteridade, porque o ſacrificio de Jephte foy depois do de Abrahaõ, e á viſta de hum ſacrificio de obediencia naõ luz outro ſacrificio, ainda que ſeja de pontualidade, nem comparado pay com pay, filho com filho, victima com victima.

Senhora, creais as voſſas Noviças para Religioſas, creai-as com obediencia: huma Freyra ſem obediencia he cavallo ſem freyo, barco ſem remos, nao ſem piloto, edificio ſem alicerſe, horto ſem muros; e que deſpenho eſpera a eſte bruto, que onda a eſte barco, que penedo a eſta nao, que ruina a eſte edificio, e que deſtruiçaõ a eſ-

te

te horto? Livrenos Deos de taes fatalidades. Naõ ha quem se izente de obedecer em a ordem das creaturas; vede em os racionaes o Rey obedecendo ao conselho, os vassallos ao Rey, os pequenos aos grandes; e em as creaturas sensitivas vede os brutos obedecendo aos homens, ou já enfreados, ou já domesticos; em as insensiveis vede a todas obedecendo a seu Creador em os tempos, as arvores com os fructos, as plantas com as flores, as hervas com as virtudes. Pois se todos obedecem a seu mayor, obedeça a Freyra aos seus Prelados, e com muyto mayor sugeyçaõ, porque he Religiosa.

Contase de huma Carmelita descalça, a grande Catharina de Jesus, que porque a sua muyta modestia se confessava muyto mortificada aos officiaes, que andavaõ em as obras do mosteyro, cujo officio ella exercitava; noticiosa a Prelada da repugnancia, que tinha em assistir com aquelles homens, lhe disse com tençaõ de gracejo: Ora porque nos naõ ande aqui com esses melindres, vá á manhã a par dos officiaes despida: a perfeyta Religiosa sem mais discursos, porque a obediencia naõ os faz; assim

aſſim como amanheceo, foy eſperar aos officiaes ſó com a tunica interior, e com ella ajuſtada á mayor compoſtura; e deſta ſorte ſe poz ao canto da caſa, em a qual entrando huma Religioſa, notou hum grande reſplendor em o lugar, onde a ſerva de Deos eſtava, e entre as luzes a diviſou em a forma referida: aviſou logo á Prelada, que acodio com toda a communidade a darem teſtimunho de tal maravilha, aonde o milagre cauſou menos admiraçaõ, que a obediencia, pois a viaõ triunfante até da modeſtia: a Prelada pelejou com a voz, o que venerou com o coraçaõ, por ſegurar humilde a quem a fez paſmar por obediente. Em a meſma reforma do Carmelo achareis em como mandando o ſeu Prelado a hum Monje pedir eſmola de cevada, e querendo os devotos por mais eſtimaçaõ darlha de trigo, o nao quiz aceitar, dizendo, que o ſeu Prelado lhe naõ mandava pedir trigo, ſenaõ cevada. Outros trabalhando junto a hum rio, e chamando o trabalho ao calor, e o calor á ſede, e por mais que eſta os abrazaſſe, naõ tomavaõ hum trago de agua, porque naõ tinhaõ alli o ſeu mayor, a quem pedir para iſſo licença. Sobre os ſeus pobres

bres fardos deſcanſavaõ outros, e acontecendo alguma vez cair ſobre elles dos cachos das uvas, que eſtavaõ pendurados em o tecto do pobre dormitorio, os naõ levantavaõ, até ſer hora de pedir para iſſo licença, deyxando-ſe ficar do meſmo lado, até amanhecer, porque com o movimento naõ pizaſſem as uvas. Outros houve, que ſe deyxavaõ ficar toda a noyte proſtrados em o lugar, onde os tomava a reprehẽſaõ do Prelado, ſe eſte ſe eſquecia de os mandar levantar. Eſtas, e infinitas ſemelhantes ſaõ as façanhas da obediencia, aonde o mais rendido he o mais victorioſo. Naõ ſó os Religioſos perfeytos vos daraõ exemplo, tambem os infieis taõ reſignados em a vontade do ſeu mayor, que chegando a intimarſe a hum Turco a ſentença de morte, que naõ eſperava, por ſe achar livre, aſſim que lhe leraõ a ordem do ſeu Imperador, em que mandava, que lhe cortaſſem logo a cabeça, reſpõdeo: Agradeço muyto ao graõ Senhor o lembrarſe de mim; e ſe offereceo ao cutelo ſem a menor replica. Senhora, a perfeyta obediente ha de ſer como huma mulher morta ſó com os ouvidos vivos; naõ ha de ter voz para a replica, naõ ha de ter viſta

para

para a diſtinçaõ, naõ ha de ter movimento para a repugnancia, naõ ha de ter diſcurſo para o conhecimento. Porque cuydais, que ſe perderaõ aquellas cinco Virgens, a quem o Euangelho chama loucas, ou neſcias? Perderaõ-ſe por inobedientes; mandoulhe o Eſpoſo o eſperaſſem com as alampadas acezas; eſperaraõ-no com ellas apagadas. Senhora, creai as voſſas Noviças em obediencia, e ſe aſſim o naõ fizerdes, ficaráõ Freyras, mas naõ ficaráõ Religioſas, e entre todas as creaturas em o andar de féras, que ſó eſſas nao tem ſugeiçaõ.

Ao depois de cercardes ao voſſo cravey-ro, o chegaſtes aonde lhe deſſe o Sol, para que com o ſeu calor o vivificaſſe; a eſta imitaçaõ procurai dar calor a eſtas plantas, que creais para eſpoſas de Deos, chegando-as muyto á oraçaõ; fazei que communiquem hoje com quem ſe haõ de deſpoſar á manhã; alli eſtudaráõ as galas nupciaes, e receberáõ as joyas para o dia das bodas; em aquelle fogo conſumiráõ as ſaudades do mundo, e as eſcorias da terra; pois as creais para Religioſas, ſabei que huma Freyra ſem oraçaõ he hum corpo ſem alma, huns olhos ſem luz, huma men-

te

te sem discurso: em quanto á vida de mulher poderseha animar com os generos materiaes; porém quanto á vida de Religiosa naõ he possivel o conservarse sem o alimento espiritual: o espirito, que influe para durar, naõ he o mesmo, que influe para viver; huma Religiosa com oraçaõ vive, sem oraçaõ dura: a oraçaõ he aquella mestra dos sabios, em cuja escola sahiraõ os ignorantes doutos; he aquella flor, aonde se bebe a doçura divina; aquella luz, que rompe pela sombra humana; aquelle nó, que nos ajunta a Deos; aquelle espelho, que nos mostra o Ceo; aquelle voo, que nos arranca da terra: he a medianeyra entre Deos, e o homem, a que reprime as iras da sua justiça, a que desata as correntes da sua misericordia; he o mais, que só entende quem a experimenta, e naõ quem a escreve: chegai-as em o inverno da sua tibeza a este brazeiro, em a primavera dos seus dias a este paraiso: tratem com Deos, pois vem a ser de Deos; e assim ás Noviças como ás Religiosas adverti, que cuidem em Deos, se querem, que Deos cuide dellas. He muyta fé esperar o remedio de quem me naõ deve a memoria. Entre todas as creaturas he a alma

alma ſem comparaçaõ a mais precioſa, aſſim como entre as pedras he o diamante a de mayor valor; hum diamante, ſem o lavrar a roda, he bruto; huma alma, ſem a lavrar a oraçaõ, he pedra; ſó o eſpirito divino he perfeyto ſem diligencia; o eſpirito humano ha de miſter muyta diligencia para naõ ſer imperfeyto.

Enxotais do voſſo craveiro as abelhas; livray as voſſas Noviças de más companhias; declarome: Naõ ha companhia entre as Religioſas, que ſeja má; mas ha humas boas, e outras melhores; chegai-as ás mais ſantas, retirai-as das menos perfeytas, porque aprendaõ de humas, e naõ esfriem com outras; mandai-as converſar com quem lhes fale de Deos, e naõ com quem lhes fale do proximo: bem ſey que huma Religioſa, quando murmura, he em materia venial; mas tambem ſey, que as abelhas, que ao meſmo tempo, que com o ſuſſurro naõ offendem, com o ferraõ picaõ, e ainda que o motivo ſeja leve, ſempre a murmuraçaõ he peſada; ás vezes poderá ſer tal a cauſa, que ſe julgue por hum paſſatempo a cenſura. Livrenos Deos de paſſarmos o tempo em deſdouro dos auſentes; he muy precioſo

para gastarse em semelhante emprego: a Religiosa, que murmura, naõ considera o de quem; por isso o faz: murmura de Deos em sua imagem, murmura de sua irmã em o seu habito, murmura de sua amiga em sua companheyra; pois valhame Deos; naõ dissimulareis hum defeyto á vossa companheyra, á vossa amiga, á vossa irmã, e o que mais he, á imagem de Deos? O Sol, porque teve hum átomo, deyxa de ser claro? O crystal, porque tem huma falta, deyxa de ser puro? O Ceo, porque tem huma nuvem, deyxa de ser Ceo? E vós quereis a vossa irmã mais izenta que o Sol, que o Ceo, e que o crystal? A murmurada está ausente; pois naõ he impiedade arguir a quem naõ responde? Ferir a quem naõ pode defenderse? Isto he traiçaõ, e esta naõ cabe em a lealdade de Religiosa; se o mal he amargo, e o bem doce, porque naõ tomaremos antes em a boca ao bem que ao mal? Porque o ha de adoçar nossa malicia contra sua natureza? Os homens dizem que este vicio de murmurar he das mulheres; as seculares dizem que das Freyras, e eu resolvo em commum que he dos ociosos; se occuparmos o tempo bem, logo nos

naõ

naõ ficará tempo para dizer mal. Retiray muyto deste vicio as vossas Noviças, tende-as bem occupadas, lembrailhe a clausula dos mandamentos, para que tratem a seus proximos, como quem os ama, e assim nunca se arrojaráõ a murmurar. As mesmas abelhas, que nos deraõ este discurso, nos daõ hum apólogo, com que serrallo; ouvi-o para enterterdes cõ elle as vossas Noviças.

Vendose as abelhas com corpo, com cores, e com azas, e soberbas com os beneficios, que lhes deve o mundo, meteraõ petiçaõ á aguia, para que lhes desse o titulo de aves, pois por tantos requisitos o mereciaõ: naõ quiz ella resolver o despacho, sem primeyro dar conta ao Sol; levantou o voo, chegou á esfera, mostrou o memorial; perguntoulhe o Rey dos Planetas, que casta de creaturas eraõ estas? Respondeolhe a senhora das aves, que eraõ humas creaturas de muyta habilidade, porque fabricavaõ a cera de graõ docilidade, porque faziaõ o mel de grande segredo, pelo que ahi guardavaõ, e de grande utilidade para toda a terra: com esta informaçaõ da aguia se inclinava ao despacho o Sol; porém as flores tantas vezes offendidas das

abelhas, noticiadas de sua pertensaõ, logo em a primeyra aurora, quando as aves lhes davaõ musica, lhe relataraõ o atrevido intento, fazendo das perolas da madrugada lagrimas a seu pezar, persuadindo-as a que como a desdouro proprio se oppozessem á tal pertensaõ, e que assim as deyxariaõ tambem despicadas de suas offensas, e mais duravel a belleza, a quem amavaõ; jurou o roxinol á rosa, que as naõ deyxaria conseguir aquella honra; e quando o Sol hia a sentencear pelas abelhas, chegaraõ as aves fazendo huma vistosa nuvem de suas azas, e reverentes á sua Rainha, e áquelle luminoso Deos, lhe propuzeraõ, como aquellas viventes, que se queriaõ levantar com tanta honra, advertisse sua Magestade lucifera serem humas ladras, que roubavaõ ás flores creaturas suas o melhor de sua gala. Respondeo a aguia já empenhada pelas abelhas naõ ser isso cargo, pois o que roubavaõ ás flores, restituiaõ em mais valor aos homens. Tornáraõ as aves, em que eraõ humas crueis, pois traziaõ armas, com que davaõ. Respondeo a aguia, que a colera nellas era hum impeto da natureza, que se naõ castigava como culpa da malicia. Continuaraõ

raõ as aves dizendo, serem humas golosas, de que nenhum doce estava seguro. Respondeo a aguia, que mais pagavaõ em mel, do que comiaõ em assucar. Gritavaõ as aves dizendo serem humas creaturas, que sempre estavaõ murmurando. O Sol, que atéqui sem interromper percebia as culpas, ficando pelos descargos, assim como ouvio, que murmuravaõ, disse para a aguia: Pois ellas tem o vicio de murmurar, naõ he voto meu que vos mistureis com taes creaturas, deyxai-as em a sua esfera, e naõ as levanteis á vossa. Ouvindo a aguia o parecer de Apollo, mandou desenganar as abelhas da pertensaõ, deyxando as aves contentes, que logo baxaraõ a ganhar as alviçaras ás flores. Este metaforico exemplo nos ensina o como o vicio da murmuraçaõ naõ tem disculpa, pois ouvindose a dos outros, senaõ esperou o descargo deste, e assim como o Sol mandou desviar a aguia da companhia das abelhas, nos afastemos dos murmuradores. Tenho, senhora, dado fim ao meu discurso, ou aos meus avisos, e em huma palavra vos incluo todos: Consideray, que creais espoſas para Deos, e naõ para os homens. Fez pausa o pintasirgo, e logo levantou a

voz em metro mais ſuave com eſta letra.

Si para Dios crias flores,
Guardalas ,
Que otras ſon flores ſin vida,
Y eſtas ſon flores con alma:
De ſu perfecion zeloſa,
Guardalas.
Del Aurora, que las llora ,
Y del Ave, que las canta,
Amante de ſu fineza ,
Guardalas.
Del yelo, que las intibia ,
Y del Sol, que las abraza ,
para tenerlas ſeguras ,
Guardalas.
Del Zefiro , que ſuſpira ,
Y del Favonio, que alaga ,
Porque offendidas no ſean ,
Guardalas.
De la fuente con murmuros ,
Y de la abeja con armas ,
Porque ſus peligros burles,
Guardalas.
De la mano, que las corta ,
De los ojos, que las manchan ,
Guardalas.
Porque ſon flores oy ,
Sean eſtrellas mañana.

DIS-

DISCURSO V.

O PARDAL A' MADRE DAS Confiſſoens.

FEz o pardal ſeu ninho em huma arvore vizinha á janella de certo confeſſionario a tempo, que nelle entrava a Religioſa, que adminiſtrava aquelle officio, e dizia enfadada: Perdoe Deos a quem me obrigou a ſofrer impertinencias de Frades. Aqui lhe reſpondeo o pardal: Senhora naõ cuydeis em que ſaõ Frades, cuydai ſó em que ſaõ Sacerdotes, e aſſim achandovos indigna de ſervillos, vos achareis capaz de tolerallos, olhai-os com attençaõ em o altar, e logo vos humilhareis em o confeſſionario; naõ direis: Eu ſofro a hum Religioſo; mas direis: Eu ſirvo a hum ſemi-Deos; eſtimai muyto o voſſo officio, mas adverti, que haveis miſter muyta diſcriçaõ para naõ errallo, porque eſtaõ por voſſa conta; ainda que tem vezes de divinos, ſaõ humanos;

tratai-os com recato como a homens, com veneraçaõ como a Sacerdotes, com reſpeyto como a Religioſos, com benevolencia como a irmaõs, e com caridade como a pobres. Se forem impertinentes, ſoffrei-os; ſe forem demaſiados, adverti-os, e ſe forem ſantos, imitai-os: em o ſeu trato dailhe mais para a abundancia, que para o regalo; algum dia podeis diſpenſar para eſte, lembrandovos que ſaõ humanos, em o mais cuidai ſempre em que ſaõ Religioſos. Quãdo os nomeardes, antes lhes dareis o nome de pay, que de filho, porque eſte inculca carinho, e o outro reſpeyto, e ſe vos virdes affavel por condiçaõ, fazeivos ſéria por entendimento; tratai-os como homens, ainda que ſejaõ Chriſtos, ſede muyto recatada em a converſaçaõ, e muyto larga em a caridade, que huma couſa naõ implica a outra, e ouvi ao noſſo propoſito hum conto, que eſta manhã me contaraõ as aves, quando começaraõ a fallar.

A deoſa Thetis ſahio hum dia com licença de Neptuno a paſſear as prayas, ainda que deoſa ſe achou canſada, porque era deoſa de carne, e ſangue, ou para melhor dizer, de ſangue, e peyxe; achouſe alli hum

velho

velho Oriental, e reparando o desalento da deosa, que conhecia por mulher formosa, era o mesmo que conhecella por deosa; chegou muyto cortezaõ a offerecerlhe hum bordaõ, que levava, do melhor calambuco de Ceilaõ, se he que lhe naõ veyo do Parisso pelo Ganges, como a vara de Santa Ludovina, que do dito vergel lhe trouxe o seu Anjo para levantar a cortina da cama em a sua dilatada, e penosa enfermidade; cujo cheyro consolando a todos cessou ao contacto de hum incõtinente: tornando ao nosso conto, aceytou Thetis o bordaõ muyto risonha, muyto agradecida: era deosa, naõ podia ser ingrata, e com a odorifera vara continuou seus passeyos, até que farta de parecer humana, tornou para os palacios crystallinos, aonde Neptuno a esperava saudoso: passados algũs dias, fez o velho caritativo jornada por mar, soube-o Thetis, lembrada do seu beneficio chamou as Ninfas, e mandoulhes que regalassem aquelle navegante com os peixes, que o divertissem com musicas, e que o affagassem com a conversaçaõ: O mais sim, responderaõ as Ninfas, isso ultimo naõ. Porque? disse Thetis. Porque somos Ninfas, tornaraõ

raõ ellas. Este apólogo, senhora, he para vosso exemplo, vos sois huma Ninfa racional, huma Ninfa catholica, que isto saõ as Religiosas; com todos a sua conversaçaõ ha de ser muy seria, com todo o sexo, com toda a idade, e em toda a occasiaõ. As Ninfas consentiraõ em o regalo como agradecimento, consentiraõ em a musica como obsequio, e fugiraõ da affabilidade como delito, porque ficassem Ninfas.

Quando alguma Religiosa ou por desafogo, ou por escrupulo vos pedir em alguma occasiaõ outro Confessor, naõ lho negueis, que os segredos da alma naõ se podem atar ás prisoens do sempre; já se entende que sendo o nomeado dos permettidos pelos Prelados. O Confessor de casa tende sempre prompto para ouvir a todas, mas naõ façais ceremonia em lhe faltar, alguma hora pode haver, em que lhe importe á consciencia a varedade; neste particular nem sejais muyto larga em conceder, nem muyto difficultosa em permittir; medi tudo com discriçaõ, que he huma vara muyto segura; deixay escolher hum dia, em que a consciencia quer desafogar, e ouvi este caso, que vem aqui. Em certa Cidade

de de Hollanda havia entre muytos hum hereje, ao qual pelas ſuas muytas prendas deſejavaõ os Catholicos converter; reſiſtia-ſe elle, ſendo de ſua converſaõ a mayor difficuldade iſto de confiſſaõ; finalmente apertaraõ as inſtancias, tocou-o Deos, veyo a reduzirſe a tempo, que em aquella Cidade prégava hum Religioſo dos de mayor ſuppoſiçaõ aſſim em letras, como em eſpirito. Abjurados os erros, diſſe ao moço, que havia ſido hereje, hum dos amigos Catholicos, que fiaſſe a ſua conſciencia do dito Padre. Aqui reſpondeo elle; e vós nomeaiſme Confeſſor para os ſegredos da alma? Eu ſou o que hei de eſcolher o homem. Iſto diſſe o Hollandez convertido; e eu vos digo a vós que naõ aperteis com os ſegredos da alma; iſto de confiſſaõ he materia de muytas conſequencias; antes ſe favorece, que ſe apure. Perdoay, ſenhora, eſtes aviſos a hum paſſaro, que ainda que villaõ pelo pardo, tambem he Religioſo pela cor. Voou o pardal, quando huma filomena lhe ſuſtituio em a arvore o lugar com eſta letra.

El empleo, que tienes,
Es tan ſupremo,

Que

Que te fian las llaves
De un Sacramento.
Endiosada te miro,
Quando te veyo,
Que qual Angel assistes
Al pan del cielo.
Procura dar mate
Al gran luzero,
Que en purezas de mas
El Sol es menos.
Esto manda cantarse
En dulces quiebros
El pardo de las aves,
Que nó el Orfeo.

DISCURSO VI.

O ROXINOL A'S SACRISTANS.

ENtrava pelo coro a Sacriſtã mór com as ſuas companheyras, e huma lhe dizia: Vós, ſenhora, honrais eſte officio. Aqui hum roxinol, que ſobre huma roſeira, que fazia cortina á janella do coro, deyxou de cantar á roſa por reſponder á Freyra: Reparay, diſſe, o como falais, que vós outras naõ honrais o officio; o officio he o que vos honra a vós; o officio, ſenhoras, vos faz humas ſacerdotiſas Catholicas, humas coadjutoras dos miniſtros de Chriſto, humas immediatas aos Sacerdotes, humas ayas da Igreja, e humas myſticas do altar; o officio vos faz tratar as veſtimentas ſagradas, os amictos puros, e os ſanguinhos ſantificados: vede agora, ſe vós honrais o officio, ou ſe o officio vos honra a vós? Certo que de tal communicaçaõ, ſe os Anjos vos naõ ajudaraõ inviſiveis, vos tiveraõ inveja

veja declarados; o officio vos faz humas virgens prudentes com ventagens ás do Euangelho; ellas lá cevavaõ as alampadas para ſe juſtificarem a ſi, vós cevailas por alumiar ao Senhor; lá cada qual cevava ſó a ſua, vos cevais todas; ellas negaraõ o oleo ás companheyras, porque lhe naõ faltaſſe para a occaſiaõ, vós ſem a nota de eſcaſſas proveis o oleo para todas as occaſioens, para todos os dias, para todas as horas, com que o Euangelho as faz a ellas prudentes, e a vós o officio prudentiſſimas; olhay o que lhe deveis. Lembrame a mim qué as Veſtaes ſó por conſervarem o fogo, a que chamavaõ eterno, inutil, porque nem alumiava a Deos, nem ainda aos deoſes, antes o tinhaõ ſubterrado debayxo de huma lagem, eraõ por eſta conſervaçaõ taõ veneradas, que quando por alguma occaſiaõ importante á ſua meſma autoridade ſahiaõ da ſua clauſura, ſe na rua as topava a juſtiça com algum delinquente caminhando ao ſupplicio, ficava o condenado abſolto do crime, e livre da morte; aſſim uſava a gentilidade com quem merecia ver o roſto a mulheres, que conſervavaõ aquelle fogo: tiray agora a conſequencia, e ve-

e vede a veneraçaõ, que podeis allegar cevando eſtas alampadas.

Senhoras, em os mais officios ſervis a Deos em as creaturas, neſte ſervis a Deos em Deos; os outros podemvos deyxar ſantas, eſte deyxavos endeoſadas: tocais os ornatos dos altares, as veſtimentas dos Sacerdotes mais veneraveis que o ſanto Ephod; com eſte ſe ſervia a hum Deos em o Sancta Sanctorum eſcondido, e com aquellas ſe ſerve a hum Deos em o Sacramento manifeſto: a pureza, ſenhoras, com q̃ deveis tratar couſas taõ altas, deyxo-a á voſſa chriſtandade; naõ fallo em pureza de peſſoas, que iſſo ſeria deſconhecer as açucenas, fallo em pureza de virtudes: eſſas maõs, que tocaõ àdornos taõ ſagrados, devem andar cheas de boas obras; eſſes pés, que ſe encaminhaõ a ſervir a Igreja, naõ haõ de retroceder em inferiores paſſos; eſſa mente, invento de taõ ditoſo adorno, naõ ſe ha de profanar em penſamentos inuteis; toda vós eſtais deificadas pelo contacto, e deveis deificarvos pelas virtudes; aſſim vos haveis de acear a vós, vede agora o como haveis de acear o coro. Eſtes dous lugares haveis de ter taõ aceados, que mais vos ha

de

de doer hum pó nelles, que hum argueyro em os olhos; eu vos dou licença que tragais o voſſo templo taõ aceado, como os Japoens os ſeus palacios: de hum ſe conta que porque achou em huma das caſas principaes huma caſca de fruta, matou a criada, que tinha á ſua conta a ſua limpeza; eu, ſenhora, naõ vos digo que caſtigueis voſſas companheyras como gentia, mas advirto-vos que ſe houver algum deſcuydo, as reprendais como perfeyta. Para o coro, e Igreja ſe fizeraõ os aromas, os perfumes, e ſuavidades; alli todo o aceyo he limitado; nenhum he nimio, e todas as vezes que queimardes as paſtilhas em o fogo, fazey por queimar o coraçaõ em o amor, que o fumo deſte ſacrificio ainda ha de ſubir mais alto que o do incenſo; tende a voſſa Igreja com o aceyo, que ſe deve a hum templo de Deos, e ouvi eſte caſo, para que delle eſpereis o premio.

Contaſe em o livro das relaçoens da Perſia, que compoz o Padre Fr. Antonio de Gouvea Religioſo de Santo Agoſtinho, que tinhaõ eſtes hum convento em a Cidade de Mombaça, e delle repartiaõ Religioſos, para reſidencias, que tinhaõ por aquella coſta;

coſta, era huma em Pate; ſuccedeo eſtar neſta hum Religioſo chamado Fr. Diogo do Eſpirito Santo; eſte com ſua doutrina, e exemplo havia feyto por aquella coſta grandes ſerviços a Deos; entre os criados de ſua caſa tinha hum moço natural da terra, que pela converſaçaõ ſabia a lingua; era eſte Mouro por nome Mafamede naturalmente bem inclinado, e affeiçoado aos Portuguezes, e ás ſuas couſas, e como a tal lhe encommendava o Padre Fr. Diogo muytas vezes o concertar a Igreja, enramalla, e juncalla em os dias de feſta, o que elle fazia com tanta curioſidade, que dava goſto aos Padres, e aos mais Chriſtaõs: auſentouſe por huns dias por ſer preciſo acodir a outra parte, continuando o Mouro em o cuydado da Igreja, que lhe encommendara, aſſim a varria, e enramava todos os ſabbados: ſuccedeo adoecer antes de chegar o Padre, e apertando a enfermidade mandou chamar hum dos Portuguezes, que em Pate ficaraõ, e lhe diſſe: Eu ſey que hei de morrer deſta doença, porque hum Padre do meſmo habito que o noſſo, mas de muy veneravel preſença veyo ter comigo eſta noyte, e me diſſe: Por-

que me naõ fazia Christaõ, como me aconselhava Fr. Diogo? Que soubesse morria daquella doença, e se fosse em a seita de Mafoma, me havia de perder para sempre; por tanto me aconselhava me fizesse logo Christaõ, e que elle era muyto meu amigo, e me estava muyto obrigado pelo serviço, que lhe fazia em a sua Igreja; era de Santo Agostinho. Eu lhe prometti de tomar logo a vossa ley, rematou o Mouro, pedindo ao Portuguez com muyta instancia que o bautizasse. Elle ainda que muyto bom Christaõ, e devoto, fez pouco caso do que o Mouro lhe dizia, parecendolhe ser tudo medo da enfermidade, e naõ desejos de sua conversaõ, e assim lhe disse naõ tivesse temor de morrer em aquella occasiaõ, e que o Padre vinha brevemente, e logo o catequizaria, e daria o bautismo, e com isto se tornou para a sua pouzada. A noite seguinte, como o Mouro affirmou, lhe tornou a apparecer a mesma visaõ repetindolhe o que lhe havia dito, accrescentando tornasse a chamar o Portuguez, porque se o naõ havia bautizado, fora por naõ darlhe credito, mas que se instasse, o faria Christaõ. Felo assim o Mouro,

ro, e chamando ao Portuguez, lhe repetio a ſegunda viſaõ, e que nella lhe diſſeraõ, ſe o naõ bautizaſſe logo, daria conta a Deos da ſua alma. O Chriſtaõ temente a Deos, vendo naõ ſer aquelle negocio para deferido, o catequizou o melhor que ſoube, declarandolhe os principaes myſterios de noſſa fé. O Mouro por ſe ver livre de mulher, e filhos, que o rodeavaõ, ſe paſſou para a caſa do Portuguez, naõ permittindo ſer mais viſto de parente algum; toda aquella noite converſou na payxaõ de Chriſto, e vendoſe chegado ao fim da vida recebeo o bautiſmo da maõ do Portuguez, ſem q̃ o demonio ſe eſqueceſſe de o moleſtar com terriveis viſoens, moſtrandoſelhe em forma de negros diſformes, que com azagayas o queriaõ matar: defendeoſe elle com o eſcudo dos nomes de Jeſus, e Maria, que naõ largou da boca até acabar a vida, e ir goſar da viſaõ de Deos, que de taõ pequena occaſiaõ, como era o ſerviço, que eſte Mouro fazia á ſua Igreja, lhe teceo a coroa da eternidade por meyo de ſua converſaõ, merecendo que o meſmo Santo Agoſtinho o vieſſe exhortar a ella.

Assim premea Deos a quem cuyda dos seus altares, a quem se esmera em a sua Igreja, a quem se disvela em seu culto; dos gentios faz Catholicos, dos Catholicos fará santos; naõ receeis os gastos do officio, que a mão de Deos he muy liberal para ajudarvos, se a vossa se abrir para seu obsequio; gastay ahi tudo o que poderdes com o cabedal, e tudo o que naõ poderdes com a vontade; nessa offerecey em o coro, e Igreja todo o ouro da America, toda a prata do Potosi, todos os topasios da Etiopia, todos os rubins de Ceilaõ, todos os diamantes da Persia, todas as perolas do Sul, e neste sacrificio do desejo merecereis em a vontade o que merecerieis em a obra: mais deo a viuva do templo em hum real, que os grandes de Jerusalem em muytos talentos, porque ella deo o que tinha com a maõ, e o que naõ tinha com o desejo. A Igreja he a gloria da terra; fazei que a vossa Igreja cheire á gloria, fazei-a paraiso nas boninas, e ceo nas fragrancias; principalmente vos encõmendo sejais mui liberal com o incenso; aprendei de Alexandre com os templos gentilicos para o de Deos verdadeyro: este

Prin-

Principe em tudo magno gaſtava com tal exceſſo o incenſo nos ſacrificios, que ſeu ayo Leonidas lhe diſſe ſe foſſe á maõ em a demazia, com que o diſtribuia, pois naõ era ſenhor da terra, em que ſe creava; andou o tempo, e a poucos voos ſe fez Alexandre ſenhor das Arabias, logo mandou a Leonidas hum navio carregado do dito aroma, dizendolhe gaſtaſſe ſem dó, pois já eſtava ſenhor das terras, que o produziaõ. E porque aqui vem a propoſito, vos quero contar o deſte fumo de Deos, ou deſte Deos dos fumos.

Arabia a Felix he a patria do incenſo; alli naſce em a regiaõ de Sabá, nome, que ſegũdo os Gregos ſignifica myſterio; dizem do terreno, aonde ſe cria, ſer entre roxo, e branco; nelle ſe levantaõ altos montes, em cuja eminencia começaõ a apparecer eſtas aromaticas arvores, que ſe continuaõ até o plano, naſcidas, ſem que algum as plante, banhadas com claras, e caudalo-ſas fontes; dizem ſerem tres mil, e naõ mais, as familias, que por ſucceſſaõ appropriaõ a ſi o direyto deſtas arvores, e por iſſo ſaõ chamados os ſagrados, e naõ ſe manchaõ com trato impuro, nem de mor-

tuorio, quando podaõ eſtas arvores, e aſſim ſe augmenta o lucro com a religiaõ. Coſtumaõ colher o incenſo huma vez por anno, porque havia pouca occaſiaõ de vendello, mas ao depois o lucro duplicou a vindima; a primeyra, e natural he vizinha ao naſcimento da canicula com o mais ardente calor, cortando por onde parece eſtar mais cheya, e eſtendida a delgadiſſima caſca, daqui ſahe, naõ logo depois de ferida, huma eſcuma copioſa; eſta ſe coalha, e endurece recebida em hum lugar accommodado, ou em eſteira de palma, ou em huma eira cercada de pannos; daquella maneyra he muy puro, deſta mais pẽzado; o que ſe pega á arvore, ſe tira, e desfaz com ferro: dividida a ſelva em partes, nenhum guarda as arvores feridas, nenhum furta ao outro; tudo eſtá ſeguro; com innocencia correſpondente recolheſe em o Outono o q̃ ſahe das arvores em o Eſtio, que he puro, e branco. A egunda vindima he em o Veraõ, e para ella cortaõ a caſca das arvores em Inverno; eſte ſahe vermelho, e naõ ſe póde comprar com o primeyro; áquelle chamaõ Carfecto, e a eſte Damiato: cre-ſe ſer mais bran-

branco o das arvores novas; porém o das antigas mais cheiroſo: entre os Europeos ſe falſifica com goma de rezina branca com a ſemelhança, mas provaſe com a brancura, com o tamanho, e com o fogo, que logo arde, e tambem que naõ haja chegado aos dentes, quando ſe faça migalhas. Deivos, ſenhora, eſta noticia, para que ſaibais, ou tenhais conhecimento do aroma, que a Deos mandais ſacrificar todos os dias.

Muyto cuydado, ſenhora, com os voſſos templos, muyto ornato, muyto aceyo, muyto fumo, pois até a gentilidade vos dá eſte particular exemplo. Do legislador Carondas eſcreve Eſtobeo haver feyto ley, em que condenava por infame ao que levantaſſe caſa de mayor pompa, que os templos dos deoſes. Oh quantos Catholicos ſe poderáõ confundir com eſta memoria, pois á viſta de tantas Igrejas pobres, e arruinadas eſtaõ levantando palacios á ſoberba do alheyo no empreſtimo, do proprio na vaidade, e o peyor he que alguns com os frutos das commendas ornaraõ as ſuas paredes com teyas de damaſco, e brocado, e as Igrejas, a cujo reſ-

peyto lograõ eſtes frutos, eſtaõ cobertas de teyas de aranha, uſando com ellas dous aggravos, hum na indecencia, outro na ingratidaõ! Oh quantas imagens eſtaõ em os altares veſtidas de velho, e quantas vaidoſas em os eſtrados reveſtidas de tiſſu! Quantos Chriſtos celebrando o tremendo ſacrificio com veſtes pobres, quantas damas paſſeando as ruas com roupas bordadas! Pois que dizeis a iſto, ſenhora? Naõ he parecerem os gentios fieis, e os Catholicos gentios? Oh quanto Deos ſofre! Ao propoſito de que tudo o melhor ſe deve a Deos, vos trarey hum conto, que ainda que pareça apologo de Eſopo, he menos antigo.

Eſgravatando hum gallo em a terra a ver, ſe achava alguma couſa que comer; que nem os brutos ſe contentaõ com o que lhe daõ, achou huma perola, hum velorio, e huma pedra de ſal; como nenhum deſtes haveres era mantimento para elle, e de boa vontade os trocara por hum graõ de milho, pois perolas a gallos he o meſmo, que margaritas a porcos, que para cada qual naõ he melhor o melhor, ſenaõ o que melhor lhe ſerve, ficou indetermina-

do

do em o que faria deſtes achados, ſendo a perola o que lhe dava mais cuydado, porque além de o ſer, era huma formoſa margarita: reſolveoſe em ir conſultar a aguia, e acertou; que o buſcar o conſelho dos ſabios he ſegurar o acerto das acçoens; chegou ao alto ninho, e relatando o ſucceſſo, accreſcentou eſtar duvidoſo em ſe daria a perola á dama para o ſeu toucado, ſe ao homem para os ſeus intereſſes, ou ſe ao mar por ſua reſtituiçaõ; e que na repartiçaõ do mais eſtava duvidoſo; que viſſe S.Mageſtade Aquilina o que era mais juſto na diſtribuiçaõ daquelle achado, que a elle lhe naõ era util para couſa alguma; ouvio a aguia com grande attençaõ ao gallo, e depois de fixar os olhos em ſeu deos o Sol, reſpondeo illuſtrada: O velorio dareis á dama, porque he de vidro pela materia, aſſim como ella o he pela duraçaõ, e farlheha memoria do ſeu ſer; o ſal dareis ao homem, que anda muyto falto de graça, muyto cheyo de malicia, e de infidelidade; a perola tomo para nós, que a quero enfiar em hum rayo de Apollo; porque a tudo o mais precioſo tem direito os deoſes. Dizeis como ſabia, reſpondeo o gal-

o gallo; porém, ainda que de fraca memoria, me lembra que Cleopatra Rainha do Egypto ſervindolhe de arrecadas duas perolas taõ formoſas, que ſe tiveraõ por milagre do mar, e a mim pareceme que cahiraõ do toucado a Thetis, a primeyra ſacrificou a ſeu amor em as aras de hum copo de vinho, que deo a Marco Antonio, e a ſegunda pela ver orfã, a recolheo em o templo, offerecendo-a á deoſa Venus, com que aqui preferio o amor á divindade. Aſſim foy, tornou a aguia, mas quaes foraõ os frutos deſſe amor? Para Antonio hum punhal, para ella dous aſpides, que a iſto ſe aventura quem faz a Deos ſegundo do homem. Repartio o gallo o ſeu achado conforme a ſentença da aguia, que a muytos pode deyxar illuſtrados, e a todos advertidos.

Nenhuma couſa para a Igreja he nimia, tudo o melhor ſe lhe deve, naõ ha theſouro, que lhe venha grande. O primeyro templo, e o melhor, que ha, aonde a divindade ſe adora ſem embuço, he o Ceo; e como o moſtrou Deos a S. Joaõ em o ſeu Apocalypſe? Naõ vio as portas de margaritas, os alicerſes de pedras precioſas, as pa-

paredes de ouro, o pavimento de cryſtal, e o todo ſemelhante? Pois naõ podia Deos repreſentarlhe a ſua gloria, a ſua Igreja menos material, e mais divina, ou em hũa luz endeoſada, ou já em huma participaçaõ intima, ou já em huns divinos eſcuros huas ſombras transluzidas? Naõ; porque como o Ceo he o verdadeiro templo de Deos, e elle o queria fazer modelo para os outros, moſtrou-o compoſto de tudo o melhor da terra, para que ſoubeſſem os homens, que da terra tudo o melhor ſe devia aos templos, e que para elles eraõ as pedras, o ouro, as perolas, e todas as mais precioſidades. Bem o haja David, e bem o houve, que entregou a ſeu filho Salamaõ para a fabrica do Templo de Deos cem mil talentos de ouro, que ſe ajuſtaõ em ſecenta milhoens, e mil vezes mil talentos de prata, e tanto de metaes inferiores, que naõ cahe em ſõma. Bem o haja, e quero cuidar que bem o houve Salamaõ, que mãdou levantar eſte Templo com taõ nunca viſta magnificencia, que as paredes eraõ de marmore finiſſimo, cobertas de taboas de cedro, e eſtas de pranchas de ouro, e aſſim ellas como o pavimento, e

tecto

tecto tudo ficava coberto do mesmo metal; o altar do thimiama da mesma sorte, o candieiro das sete alampadas do mais puro, sem outros de menos grandeza; os vasos de ouro, e prata lavrou á milhares, aonde as pedras preciosas naõ daõ numero. Bem haja, e bem o houve Santa Helena, que na terra santa levantou tantos templos, quantos foraõ os mysterios, que alli obrou Deos em nossa redempçaõ, sem outros muytos, em que a sua devoçaõ se fez conhecer Helena, mayor por este feyto, que por mãy do grande Constantino. Bem o houvesse D. Manoel Rey o felice, que das primicias do Oriente fez prato para a iguaria do Ceo. Bem o houvesse o Illustrissimo D. Aleyxo de Menezes, que escapou dasjoyas da Rainha de Hespanha o cofre, que o Principe infiel mandou para o Senhor do universo, cqmprado com oitenta mil cruzados, e só pago em ser deposito de tal thesouro. Bem o hajaõ com o nosso sereníssimo Rey D. Joaõ o V. tantos Principes, tantos particulares, que magnificos despenderaõ, e despendem tantas quantidades em as casas de Deos, que a falta de huns naõ escurece a piedade dos

dos outros, antes a faz ſobreſahir; e bem o hajais vos, ſenhora, ſe em o voſſo coro, e Igreja vos eſmerardes como perfeyta, vos empregardes como Religioſa, e vos deſvelardes como ſanta; eu bem ſey que naõ tendes os deſpojos de David, os theſouros de Salamaõ, os poderes de Helena, mas podeis ſupprir com a vontade, até onde eſtes chegaraõ com a obra, e aſſim ſubireis como o incenſo a buſcar o premio de voſſos merecimentos. Calou a ave os aviſos, e começou a muſica com metro mais ſuave.

Penſamiento, que en amante deſeo
Subir te veo,
Como preſumo,
Que ſi acaſo te abrazas qual fuego,
Subas qual humo,
Como muchos aromas
Te abrazas uno.
Sube al cielo derecho
Hecho
Incenſo puro.
De la tierra levanta
Tus atributos
Por el nido ſuave,
Ave,

Sube al bien ſummo
Tu rematado buelo,
Paſſe a ſu orgullo,
Y llega ſin deſaire,
Aire,
Que es fuego el triunfo,
Al cielo y tierra une,
Amor no es mucho;
A la esfera traſpaſſa,
Paſſa,
Que ya eſtan juntos.
Penſamiento, que en amante deſeo
Subir te veo,
Como preſumo,
Que ſe acaſo te abrazas qual fuego,
Subas qual humo.
Calou o rouxinol, e ſuſtituio hum melro com eſta muſica.
La Princeza de las gentes,
Ciudad de Jeruſalen
Has de adornar algun dia
Con tu perſona fiel.
Ay de aquel, que ſu rara beldad no llega a ver,
Que ſu rara beldad no llega a ver.
Pintarete ſu belleza
Al natural nó, porque

Adon-

Adonde todo hombre miente,
Que ha de hablar quien menos es?
Ay de aquel, que ſu rara beldad no llega a ver.
Sus puertas ſon margaritas,
Pero ya miento tambien,
Que haſta las piedras ſon ſombra,
Donde tanta luz ſe ve.
Ay de aquel, que ſu rara beldad no llega a ver.
Simiento de piedras finas
Calça ſu ſagrado pie,
Mas miento, que no ay precioſa,
Tan precioſa como el.
Ay de aquel, que ſu rara beldad no llega a ver.
Las calles todas ſon oro,
Mas miento, nó digo bien,
Pues con todos ſus quilates
No llega el oro a eſte ſer.
Ay de aquel, que ſu rara beldad no llega a ver.
Las paredes de criſtal,
O de luz, no me eſcucheis,
Que ſon eſpejos de Dios,
Supe, no dirè de que.
Ay de aquel, que ſu rara beldad no llega a ver.

El pavimento sabrás,
Pero quien ha de saber,
Siendo de estrellas arriba,
El suelo el alto de que es.
Ay de aquel, que su rara beldad no llega a ver.
Al fin el templo divino,
Ciudad de Jerusalen,
Es el palacio de Dios,
Todo lo he dicho esta vez
Ay de aquel, que su rara beldad no llega a ver.

DISCURSO VII.

O GALLO A' PORTEYRA.

AO abrir da porta vendo a Porteira hum gallo, que cantava em o patio, diſſe: Eſte gallo me acompanha em as madrugadas: Senhora, reſpondeo o gallo, em as auroras, em as manhãs, e em as tardes, naõ das aves brutas, naõ das creaturas racionaes vos haveis de acompanhar, mas ſomente do que diraõ de vós em eſte officio. Que diraõ, ſe tiverdes a porta aberta ſem neceſſidade? Que diraõ, ſe chegardes a ella ſem veo? Que diraõ, ſe permittirdes entradas, naõ ſendo muyto preciſas? Que diraõ, ſe deyxardes chegar a ella ſem muyta cauſa? Se a tiverdes aberta ſem neceſſidade, diraõ que quereis ver. Se chegardes a ella ſem veo, diraõ que quereis ſer viſta. Se mandardes entrar a criada, ou o criado podendo eſcuſarſe, diraõ que ſois Papa, e ſe fordes nimia em evitar o preciſo, diraõ

que sois ignorante. Se dispensardes ahi conversaçoens, diraõ que sois relaxada. Se espantardes hum accaso instantaneo, e huma conversaçaõ paterna, diraõ que sois bruta. Trazey sempre em o sentido este que diraõ, e eu vos asseguro, que ainda que naõ sejais perfeyta, andeis justificada, que os officios publicos tanto aproveytaõ a hũa para ser honrosa, como para ser santa. Peçovos muyto naõ deixeis em esse lugar, sejaõ vistas as Religiosas moças: ainda que descubrais o patio só, o sol tem olhos, e naõ he bem as veja o sol, aonde as podem ver os homens, e quando para huma occasiaõ dispensavel chegarem, seja com a nuvem sobre a luz do rosto: o mosteiro he Ceo, onde a Religiosas saõ estrellas, as estrellas naõ apparecem sem o veo da noite, e por isso fugiraõ a luz do dia: pessoas dedicadas a Deos bastaõ os olhos para empoallas; aonde he impossivel chegar o lodo, mancha o pò; affastai-as da porta, e dispensailhe a cerca; ellas para vistas saõ fruta vedada, no pomar toda a fruta lhes seja permittida; passeem a sua selva estas Dianas de Deos, aonde só as testimunhem as flores, e ainda destas sejaõ

jaõ mais familiares as açucenas. Bem sey que tudo o que aqui tenho advertido, he o que vós, e vossas anteceſſoras tendes obrado como preceito das leys, e eſtilo do moſteiro, e assim eſtes aviſos, que parecem ſuperfluos para o preſente, deyxo para o futuro em caſo, que o mereça a froxidaõ em o deſcahido da perfeyçaõ.

Se a Prelada ou por mais ſingela, ou por mais branda vos mandar em eſte lugar franquear alguma licença, que vos pareça ſuperflua, naõ a permittais, que vós ſois Abbadeſſa do voſſo officio, e como tal eſtais nelle mais obrigada ao decoro, que á obediencia, naõ a reſpeyto que contra a obediencia poſſa mandarvos: a meſma Prelada vos ha de agradecer á manhã, o que a contradizeis hoje, quando o conſiderar melhor. Senhora, o voſſo officio neſte lugar he o voſſo credito; eſte naõ o haveis de ſugeytar a outro dominio, e ouvi a eſte propoſito hum apologo. A deoſa Pomona plantou hum pomar de maceiras, ou para recrearſe nelle, quando baxaſſe á terra; ou para regalar com as maçans aos deoſes alguma hora, em que os viſſe enfaſtiados da Ambroſia, que tambem aos Iſraelitas

enfaſtiava o Maná; buſcou hum quinteiro, a quem entregou eſte ſeu paraiſo, e para que mais prompto cuydaſſe das arvores, lhe deo com elle huma porçaõ de terra, em a qual o homem plantou humas amoreiras: eſtava taõ curioſo o vergel, taõ bellos os pomos, que fez a deoſa goſto de que o viſſem, que naõ baſta a ſatisfaçaõ propria ſem o louvor alheyo, nem me he bom aquillo, que he ſó bom para mim: chamou dos mortaes alguns dos mais favorecidos, e mandou-os a que viſſẽ o ſeu pomar; chamaraõ á porta, acudio o quinteiro, e dizendolhe os convidados a ordem, que levavaõ, para que lhes franqueaſſe a entrada, reſpondeo muyto enfadado: Dizey á ſenhora deoſa que as maçans ſaõ ſuas, mas que as amoras ſaõ minhas; e cerrando a porta naõ houve perſuaſaõ, que lha fizeſſe abrir. Senhora, ſe alguma Religioſa vos vier com licença da Abbadeſſa ſem cauſa muyto juſtificada para fallar em eſte lugar, reſpondeilhe: Dizey á ſenhora Abbadeſſa que a ordem he ſua, mas que a porta he minha; e aſſim a tereis guardada até da meſma, que a deve zelar, e ella ao depois em vez de pelejar a deſobediencia,

vos

vos ha de agradecer a reſoluçáõ: vós, ſenhora, ſois a guarda deſte moſteyro, o Querubim deſte paraiſo, o voſſo zelo ardente he a voſſa eſpada de fogo, eſta portaria corre por voſſa conta, e por conta dos Anjos, que como miniſtros de Deos fazem cuſtodia á ſua caſa. Ouvi-o neſte caſo.

Em o moſteiro das Carmelitas deſcalças em Cidade Real, ſendo Porteira huma ſerva de Deos, ſuccedeo entrar a deshora o Medico, e Confeſſor a huma enferma; eſqueceo-ſe a Porteira de fechar a porta regral, porque o repentino do accidente a todas tinha embaraçadas: chegando á cella da enferma cahio a Porteira em ſeu deſcuido, e a toda a preſſa deſceo a cerrar a porta com a chave; ao chegar vio hum Anjo, que eſtendidos os braços eſtava atraveſſado na porta em demonſtraçaõ de que fazia guarda áquelle virginal paraiſo. Em outra occaſiaõ a tempo, em que a Porteira naõ havia deitado a chave ao ferrolho da dita portaria, deraõ humas grandes pancadas em a porta, buſcáraõ a ver quem chamava taõ a deshora, e como naõ reſpondiaõ, logo ſe tornavaõ ao

coro. Repetiraõ outras duas vezes os golpes, e as Freiras sua diligencia, até que reparando-se a ultima vez, que estava o ferrolho sem chave, a deitáraõ, e naõ se ouvio mais vezes o aviso. Esta he a custodia, que os Anjos fazem á casa de Deos, e vós deveis aprender do seu zelo para guardalla, evitando em ella toda a imperfeyçaõ ás Religiosas: bem sabeis que a quem Christo deo as chaves, encõmendou as ovelhas; sabeis tambem que isto he porta do Ceo, ainda que naõ seja de margaritas. Parou o discurso, callou o gallo, e cantou o roxinol.

A las puertas de un vergel
Guarda una rosa se mira,
Toda vestida de gracias,
Y toda armada de espinas.
De las flores la pureza
Guarda su isencion esquiva,
Que tambien es açucena,
La que nació maravilla.
Al Zefiro, y ruiseñor
Vedan la entrada sus iras,
Al uno, porque requiebra,
Al otro, porque suspira.
Si humanos ojos si atreven

A dar al vergel las viſtas,
Al cielo pide una nube,
Que corra al Sol la cortina.
Igual la entrada defiende
En tan conſtantes porfias
Al atomo, que las buſca,
Que al abeja, que las pica.
Si para el Altar de Dios
Eſtas flores ſe dedican,
Ha de zelarlas humanas,
Haſta mirarlas divinas.
Guardalas, miralas,
Miralas blanda,
Y guarda eſquiva.
Miralas,
Miralas, roſa,
Guardalas, ſilva.
Guardalas, miralas,
Miralas nacar,
Guardalas ira.

DISCURSO VIII.

O PAPAGAYO A' RODEYRA.

ENtrou a Rodeyra para a ſua officina com hum daquelles paſſaros, que ao campo furtáraõ o verde, ás roſas o encarnado, e ao homem a voz. Com eſte fallando lhe dizia: Falay, meu papagayo, que já eſtamos em a noſſa roda. Aqui, reſpondeo elle, na roda, ſenhora, naõ ſerve quem fala como papagayo, haveis de dizerme: Calay, porque eſtamos na roda, que para eſta ſó he quem fala pouco. Papagayo, que grita, papagayo, que fala, papagayo, que inquieta, naõ he para aqui, aonde ſe ha de ſaber que ſó ha pé para ſervir, e naõ ha voz por converſar; por eſte lugar diviſaõ os de fora o moſteyro, e ſe nelle achaõ as palavras coartadas, as reſpoſtas medidas, as perguntas forçoſas, ainda que cheguem ocioſos, vaõ edificados; mas ſe achaõ o contrario, o examinaõ,

naõ, dando ás perolas ſó a eſtimaçaõ da concha; pois naõ ſerá melhor que dem á concha a eſtimaçaõ das perolas? Da roda para fóra haveis de falar pouco, e deixar falar menos; naõ vos fieis no voſſo entendimento, que naõ ſabe mais a que melhor fala, ſenaõ a que fala aonde ſe ha de falar; ha lugares, em que a menos ladina fica a mais diſcreta. Na minha terra havia hum papagayo, que falava muyto; tudo quanto ouvia aos Indios no campo, arremedava nas arvores; preſumido de palreiro deſprezava os outros do ſeu genero, a huns chamava aves mudas, a outros paſſaros pintados; aos outros papagayos dava quinaos, aos piriquitos liçaõ, finalmente elle ſe fez ſenhor de todo aquelle verde, e remoto diſtrito: ſuccedeo chegarem a elle huns caçadores, que com outros papagayos o levaraõ prezo, e fizeraõ de todos preſente a huma India, a qual depois de os haver muyto bem viſtos, diſſe para a ſua familia: Deixemolos eſtar até a manhã, e os que fallarem, ficaráõ, os outros deitaloshemos a voar. Ouvindo as aves eſtá determinaçaõ, ſe alegraraõ ás portas da liberdade deſejada, guardando hum grande

ſilen-

silencio por naõ perdella; neste passaraõ até manhã, em que chegando a India disse para as outras: Deitemolos a voar? O papagayo fallador levado do seu costume de tomar tudo quanto ouvia, disse prompto: Deitemolos a voar; o que ouvindo a India disse: Este fala, pois este fique; e dando liberdade aos mais o deixou cativo em quanto viveo; por falar muyto, por falar, aonde naõ havia de falar, perdeo esta ave a liberdade. Nisto, que vós chamais fabula, e eu exemplo, se vé que aquelle lugar era de falar nada, e o em que estais, he de falar pouco: lá a ave perdeo a liberdade, vos cá naõ queirais perder a opiniaõ, que he mais que a liberdade, e que a vida; assim vos torno a advertir, que da roda para fóra faleis pouco, e deixeis falar menos; aqui haveis de servir como criada, e fazervos estimar como senhora, muy diligente para os recados, muy severa para o respeito; naõ poupeis passadas, nem vos fiqueis assentada em o estrado, para que a chamada vá fazer a vossa obrigaçaõ á roda; o vosso officio he tomar o recado, e dallo; a vossa maõ he a primeira, a de sua dona a segunda, lembrando-

vos

vos de que ſois a Prelada, e ella de que he a Religioſa. Tende muyta caridade com os pobres, e para que melhor os ſoccorrais, naõ os tomeis pela parte de importunos, tomai-os pela parte de mendicantes; naõ examineis a ſua neceſſidade, porque ainda que a façaõ mais, nunca em a ſoccorrer mereceis menos; o que ſe dá pelo amor de Deos, ainda que ſeja mal merecido, ſempre fica bem dado: a eſmola he huma virtude taõ grande que nunca perde os quilates, he como o ouro, que mais, ou menos luzido ſempre he ouro; ſe vos bateſſe Chriſto na roda, com que alvoroço lhe acudirieis; pois ſabey que o pobre, que vos bate, he Chriſto, que vos chama; acodi diligente com coraçaõ aberto, e naõ com maõ fechada, porque vos chama Chriſto; quem nega a eſmola, ajuda a diſgraça do ſeu proximo; quem a dá, ajuda a providencia de Deos; pezay eſta palavra, e vede o que he a eſmola: a providencia de Deos he com todos, aos ricos com o que lhes dá, aos pobres com o que lhes faz dar: os ricos tem a providencia pela maõ de Deos, os pobres tem a providencia nas maõs dos que os favorecem;

com

com que o que dá a esmola, he hum imitador de Deos, hum dispenseiro da sua misericordia, hum coadjutor das suas piedades; e na providencia, que Deos tem com o pobres, se verá quanto o obriga quem os favorece, e desta providencia vos contarei hum caso por menos sabido; do valor da esmola vos podéra trazer muytos, porém saõ mais achados.

Em terras da America descoberta foraõ huns cavalleiros de profissaõ soldados despicarse na caça das vagantes da guerra; ao depois de darem a manhã a este exercicio, se assentaraõ a comer, e descançar junto a huma fonte; ao melhor tempo viraõ vir hum velho de aspecto amavel, e vestido humilde; chamaraõno parecendolhes que na sua conversaçaõ descobririaõ singilezas,que os divertissem o tempo, que parassem naquella estaçaõ; perguntaraõ-lhe quem era, e aonde se conduzia por aquellas asperezas; respondeo agradavel ser hum Hespanhol, e lhes nomeou de que terra, que por se achar em extrema necessidade, e com huma filha ainda flor innocente, mas já crescida, e sem remedio, pois faltando elle lhe naõ ficava outro

tro abrigo; ouvindo dizer do muyto ouro, que daquellas terras ſe deſentranhava, paſſara na preſente frota a ellas, e ſendo deſembarcado de poucos dias, andava inquirindo aonde acharia o ouro, que a tantos tinha enriquecido, e lhes pedia a elles circunſtantes, que ſe o ſabiaõ, lho diceſſem, para que lograſſe o intento da ſua peregrinaçaõ. Os caçadores goſtando muyto da ſinceridade do homem, naõ lhe dando a eſtimaçaõ, que merece eſta virtude, fizeraõ zombaria do que deviaõ fazer reparo, vendo que hum homem de idade canſada, de intelligencia nenhũa ſe aventurava em taõ larga navegaçaõ a clima taõ remoto, e arriſcava a vida por conſervar a honra; por terem melhor de que rir, lhe diſſeraõ foſſe ao pé de tal pedra, apontando-a, e debaixo de humas hervinhas, que alli appareciaõ, acharia o ouro, que buſcava. O bom velho, aſſim como os ouvio, ſem mais diſcurſo adiantou o paſſo, e chegando a poucos ao lugar nomeado, a primeyra diligencia, que fez, foy o arrancar as hervas, e logo vio, que traziaõ nas raizes ouro. Como hia naquella fé, cheyo de alegria, e de alvoroço tirou de huma faca, que com-

comſigo trazia, e cavando com ella, como o ouro eſtava á flor da terra, em breve tempo tirou tanto, que pode encher huns alforginhos, que levava, e parecendolhe que naõ pedia mais a ſua neceſſidade, que os que naõ ſaõ ambicioſos, contentaõ-ſe com o que lhes baſta, tornou muyto contente para os caçadores, que como viaõ de longe a ſua tarefa, ſem divizarem o ſeu achado, faziaõ galhofa da ſua innocencia; chegou o homem, e deolhes muytos agradecimentos do bem que o encaminharaõ; elles que o naõ entendiaõ, cuidavaõ falava por ironia, e o velho continuando lhes moſtrava o ouro, que deſcobrira; correraõ ao lugar, donde tiraraõ o que baſtava a fartar a ſua cobiça, conhecidos em que a providencia de Deos concorrera com a fé do homem, naõ zombando já da ſua ſinceridade, mas reſpeitando a ſua virtude; porém a mina, paſſados os primeyros dias, eſgotado aquelle primeyro manancial, ſecou a ſua corrente, ſem que já mais alli ſe tornaſſe a deſcobrir ouro, por mais que a ambiçaõ deſentranhou a terra, quando á flor deſta o achou a neceſſidade.

Até-

Atéqui a hiſtoria, mas paſſa a mais a ſuppoſiçaõ; os livros calaõ a volta deſte bom homem a Heſpanha, e o remedio, que deo a ſua filha, e o emprego daquelle milagroſo ouro, que neſta providencia ſubio a tantos quilates; mas deixaſe entender que quem ſoccorreo ao pobre com a maravilha, o traria a ſalvamento com o cabedal, e que havia de lograr a filha a providencia, que para iſſo ſe deſcobrio ao pay; pagouſe Deos da ſua ſingileza, e da ſua fé; era pobre, era bom, e remediou-o com a ſua providencia. Dos neceſſitados vos contara caſos mais raros, mas ſaõ taõ trazidos em os livros, que eſtareis preſente nelles. Zelay o voſſo officio, ſervi a voſſas irmans, e favorecey aos miſeraveis. Calou o papagayo, e cantou o roxinol, que de huma gayola ſe deixou aſſim ouvir.

Piedad, piedad
Del miſero, que pide
Del rico, que nó dá.
Piedad,
Piedad de los dós a un tiempo
En tanta fatalidad,
Piedad de uno, porque es hombre,
De otro, porque es pedernal.

Igual

Igual compassion, mas nó,
Pues mas infelice vá,
Que aquel, que llega a pedir,
Aquel, que llega a negar.
Más misero, que el mendigo,
El avariento se está,
Porque este lleva la culpa,
Si otro se traye el afan.
Gime y merece el pedir,
Goza, y delinque el no dar,
Con que uno es mal sin dolor,
Y el otro dolor sin mal.
Hombre que al pobre en perdon
Una pedrada le dás,
Para que dás una piedra,
Quando puedes un pan dar?
Piedad, piedad
Del misero, que pide,
Del rico, que nó dá,
Piedad.

DISCURSO IX.

A PEGA A' ESCRIVÃ.

PAſſeava huma pega o clauſtro a tempo, que a Eſcrivã do moſteiro vendo-a, dizia para outra Religioſa: Eſta pega me furtou hontem hum toſtaõ de huns trocos, que alli tinha da communidade, e lhe achey muyta graça. Pouca graça tendes vós, reſpondeo a pega, quando a achais a quem furta o que eſtá por voſſa conta; naõ deveis entender que mais vos deve ir em hum toſtaõ da communidade, que em hum anno da voſſa tença: a voſſa obrigaçaõ naõ ſó he de conſervar, mas de adquirir; aſſim adverti que hum real, que deixeis perder, he huma nodoa, que podeis ganhar; as voſſas contas tem para paſſar dous juizos, o de Deos, e o das creaturas, e ſe o primeyro he miudo, entendei que o ſegundo naõ he mais groſſo; Deos ha de julgarvos como Juiz, as creaturas como

creaturas; ajuntai-as de sorte, que em nenhum dos juizos sejais arguida.

Buscando hum Senhor a quem entregar a administraçaõ da sua fazenda, e achandose hum dia em certa conversaçaõ, se veyo a falar na melhor forma de dar contas, a cujo propósito disse hum dos presentes: As contas para serem bem dadas haõ de ser claras como agua, e miudas como as perolas. Aqui acudio hum honrado homem, que ahi se achou, e respondeo: Claras como agua sim, porém mais miudas, que os aljofares. Reparou o fidalgo, e observando a sentença o levou para sua casa, e lhe entregou a administraçaõ das suas rendas, parecendolhe que de discurso taõ miudo naõ poderia sahir conta infiel, e o succesſo correspondeo á confiança. Differente se achou hum dos Imperadores do Oriente em tempo, que ainda as Luas Otomanas naõ dominavaõ a infelice Constantinopla: este tal Principe se entregou tanto de sua vontade a hum astuto Monge, e taõ astuto, que se introduzia por hum dos primeyros ministros do Imperio, sem que a grossaria do habito lhe abatesse os fumos da soberba: tanto se lhe entregou o

Im-

Imperador, que mandava tudo o que os Principes concedem aos validos, e ficaõ corpo sem alma; veyo a descahir; que estes taes em chegando áquelle auge, donde naõ podem passar, logo declinaõ, e aqui estava a fortuna violenta pelo sugeito; deraõ-lhe cargos, pelos quaes o Imperador lhe mandou tomar contas, pois manejava officios de grande suppoſiçaõ: entraraõ os ministros do Imperador, e ao pedirlhe razaõ, respondeo: Dizey ao Imperador que quando entrey a servillo, todo o meu cabedal era este habito, que visto, só com elle me sayo da sua corte, e aqui ficaõ estas casas com tudo o que adquiri nos meus officios: saõ as contas, que dou da administraçaõ delles; e sahindo do seu improprio palacio, desappareceo da corte, deixando humas contas, se naõ miudas pelos algarismos, discretissimas pela occasiaõ. Este caso vos trago mais por historia, que por exemplo, que bem creyo naõ tereis na vossa cella as gages do vosso officio, antes supprireis com a agencia o que faltar com a possibilidade.

Com a Prelada nas accoẽs de administrar vos portareis como quem serve, e naõ

como quem manda; naõ tomeis do imperio alheyo para o dominio proprio, e como preciſamente haveis de fazer roſto aos negocios da caſa, vos advirto que nas grades pratiqueis ſó o preciſo evitando o eſcuſado; conſervay neſtas a gravidade de quem pugna pelo bem commum ſem a nota de quem aſſiſte pelo deſafogo particular; ſede muy ſeria com os de fóra, muy affavel com as de dentro, porque nas occaſioens, que de vós neceſſitarem, comprem a dependencia mais barata com a confiança; iſto de dizer naõ ſó o pratiqueis nos impoſſiveis; quem ſe vale de outrem, e ſahe deſpedida, poucas vezes deixa de ſahir envergonhada; naõ dupliqueis na face de voſſas irmans as roſas, para que naõ levem no coraçaõ as eſpinhas. E a eſte prepoſito vos trarey huma ficçaõ, que as metaforas ſaõ traslados dos exemplos.

Paſſeando a deoſa Venus as prayas do Archipelago, lhe ſahio ao encontro huma bella Ninfa, e proſtrada a ſeus pés lhe diſſe reverente: A vós como a deoſa da formoſura venho pedir huma perfeiçaõ, que falta a meu roſto; moradora nas aguas tenho

tenho a cor de perola ſem a graça do nacar, e aſſim infiada na cor tibia, naõ luz em minhas feiçoens o eſmero, com que as fez a natureza; rogovos agracieis minha formoſura com a cor da roſa, para que fique em minhas faces eſcrito voſſo beneficio. Olhou-a Venus, e reparando na grande perfeiçaõ de ſeu roſto, naõ quiz augmentarlha: de formoſa a formoſa, ainda ſendo huma deoſa, tem inveja da que he melhor, porque a belleza naõ ſó quer parecer melhor, mas naõ quer que outra pareça bem. Aſſim ſuccedeo a eſta no nome divina, e no ciume humana, que diſſe á Ninfa: Para emprego de hum Tritaõ baſtavos o que pareceis; e virando as coſtas deſappareceo deixando a Ninfa taõ corrida, que as cores, que lhe naõ deo ſua graça, lhe deo ſua repulſa. Apollo, que ao ſahir ſe fez ſenhor de todo o ſucceſſo, para lhe perpetuar a cor a paſſou brandamente por hum de ſeus rayos, e aſſim anoiteceo roſa, a que amanheceo perola, deſpicando-a Febo da injuria de Venus. Succedeo encontrarſe a Ninfa ſegunda vez com a deoſa, que tinha alli templo, e andava eſpreitando a adoraçaõ de ſeus Ilheos, conhe-

ceo-a, e vendo-a roſada lhe diſſe: Que he iſto? E quem vos deo eſſa cor? Devi á voſſa injuria, reſpondeo ella, o que naõ devi ao voſſo favor. Inſiou Venus ou de invejoſa, ou de alcançada; e aſſim huma deſmayada, outra colorida as olhou hum paſſageiro, e como a cor he a alma da formoſura, diſſe ſeguindo ſeu caminho: A córada leva a palma. Venus toda iras foy a pegar da Ninfa para vingar em ſua innocencia ſeu dezar, fazendo-a outra Andromeda; porém ella ſe mergulhou nas ondas, e a deoſa ſubio ao Olimpo, aonde fez queixa a Neptuno pedindolhe a Ninfa para ſacrificio; porém elle já informado por Apollo, lhe reſpondeo muyto carrancudo: Quando fordes liberal das voſſas graças, ſerey honrador das voſſas piras; e ficou a defender a ſua Ninfa, e Venus a arder na ſua inveja. Se as Ninfas Catholicas, que ſaõ as voſſas companheiras, neceſſitarem alguma couſa do que podeis, tornovos a dizer, que o *naõ* ſeja ſó para os impoſſiveis, e o *ſim* ainda para as difficuldades, porque lhes naõ façais ſahir ao roſto com a eſcuſa as cores, que a Ninfa tomou com a negaçaõ; naõ as deixeis roſadas de corridas,

para

para ao depois ficardes qual Venus desmayada de arguida. Haveivos com todas, como Deos, que he para todos, advertindo que o que administrais, he tanto seu, como vosso; fazey bem de justiça em o que for da communidade, e alargaivos a fazer bem de misericordia em o que for vosso. Callou a pega, e cantou o roxinol enchendo o ar de melodia nestes conceitos.

Aquella fuente, que corre,
Se ostenta tan liberal,
Que offrece a la sed, que pide,
Todas las perlas, que dá.
Piedad, y fuente convida
Todas las flores igual,
Porque a nó ser para todos,
Ni era fuente, ni piedad.
Tan igual está tan una,
Que a repartir su raudal,
Ni la yerva lleva menos,
Ni la rosa alcança más.
Al clavel, y a la violeta
Su plata arrojando vá,
Que la purpura guarnece,
Sin desdeñar la humildad.
El Sol, que todo descubre,
Viendo tanta humanidad,

Le vá despendiendo en oro,
Quanto reparte en cryſtal.
Clara corriente,
Puro raudal,
Repartenos tus aguas como
fuente,
Tus gracias como mar.

DISCURSO X.

A ROLA A' CELLEIREIRA.

COntinuavaõ as aves a ſua miſſaõ em os clauſtros, quando a Celleireira vinha do forno, e queixandoſe dizia: Em o celleiro me comem o trigo as formigas, em os moinhos me moem mal as farinhas, em o forno me queimaõ o paõ; as Freiras queixaõſe; eu naõ ſey que faça para remediar tanto dano; mas aſſim paſſaremos, porque naõ ſó em o paõ vive o homem. Entrou em o celleiro a dita official, e achou huma rola comendo em o trigo: Naõ baſtaõ, diſſe ella, as formigas, mas tambem as rolas? E vós, reſpondeo a rola, naõ baſtais nem para as rolas, nem para as formigas; ſe tiverdes cuydado com a porta, naõ entraráõ as rolas, e ſe o tiverdes com o celleiro, naõ entraráõ as formigas. Quando as abelhas vaõ á voſſa conſerva, ſey eu que as enxotais; mas quando as for-

formigas vivem em o voſſo celleiro, deyxailas eſtar; a formiga tem boca, a abelha tem arma; porém vós para guardardes o trigo, que he de todas, temeis a boca da formiga, e para reſguardardes a conſerva, que he voſſa, naõ temeis o ferraõ da abelhá; he, porque naõ ſabeis que cada graõ da communidade, que perdeis, he huma perola, que furtais; para o valor he trigo, para o voſſo encargo he perola: tendes obrigaçaõ de o guardardes como theſouro, ainda que o vejais como paõ; direis: E que podem agora diminuir as formigas levando graõ a graõ? Naõ ſabeis que de graõs ſe compoem hum alqueyre, de alqueires hum ſaco, de ſacos hum moyo, de moyos hum celleiro? Tantos graõs vos podem levar, que vos levem o celleiro todo. O dia, ſenhora, naõ o gaſtais vós minuto a minuto, e por iſſo deixa de acabarſe o dia? Quem tirar de hum dobraõ ceitil a ceitil, deixa por iſſo de dar fim ao dobraõ? Entendey, ſenhora, que ſenaõ eſgotaõ as aguas bebendoſe ſempre dellas, porque ſaõ nativas; em o juizo das voſſas obras naõ haveis de dar conta a Deos ſó dos peccados graves, mas tambem das ve-

niali-

nialidades, e das imperfeiçoens; em o juizo do voſſo celleiro naõ vos haõ de pedir conta ſó dos moyos, mas tambem dos graõs: medi juizo por juizo, pois em hum vos haõ de tomar conta de dous cuydados, em que naõ he voſſo, porque he de todas; e ouvi hum apologo que vos vem a dar exemplo, Achouſe em certa praya huma Ninfa contando perolas ao meſmo tempo, que em a meſma ribeira contava hum moço de hum peſcador ſardinhas: batiaõ as ondas em as rochas, e elle enfadado reprehendeo o vento, porq̃ o perturbava em a ſua conta; rioſe a Ninfa, e diſſe: Eu naõ me enfado contando perolas, e tu indignas-te contando ſardinhas? Sim, reſpondeo o moço, porque as perolas ſaõ voſſas, e as ſardinhas ſaõ alheyas: o peſcador era taõ rude, que olhava para as ſardinhas vendo a ninfa; mas era taõ fiel, que contava ſardinhas vendo perolas. A ſua repoſta vos ſirva de exemplo, e he: Do peixe, que naõ era ſeu, naõ queria errar a conta, nem ainda em huma ſardinha: vigiay vós o celleiro de ſorte, que lhe naõ percais hum graõ, porque ſaõ alheyos. Naõ pára aqui o meu diſcurſo; tornay a aſſen-

assentarvos, porque vos falta muyto que ouvir.

Queixaisvos do moleiro, porque as farinhas vinhaõ ou mal moidas, ou mal medidas; se vem mal moidas, reprehendei-o, se vem mal medidas, exclui-o; emendar a maõ he mais facil, que emendar a maõ; sempre lhe fica o perigo nas occasioẽs; se lhe ficar a massa em a maõ, furta, deyai-o fóra; he ladraõ naõ vos sirvais delle. Estais dizendo que vos aconselho rigores, que vos aconselho imprudencias, que vos aconselho tyrannias. De sorte que Deos pelo furto de huma maçã deitou a Adaõ do Paraiso, e vós pelo roubo das vossas farinhas naõ podeis deitar de vossa casa ao moleiro? Senhora, naõ tenhais piedades mulherís, que saõ omissoens, e naõ piedades: dizeis que vos queima o paõ o forno; pois assisti em o forno a manhã do paõ; mas vós ficais em o coro rezando as vossas devoçoens, e o paõ no forno perdendose: Salve eu as minhas reliquias, dizia o outro, e abrazese Troya; salve eu as minhas oraçoens, e abrazese o paõ. Senhora, o vosso coro he o vosso officio; quando sois Martha,

tha, naõ tendes obrigaçaõ de ſer Maria, e ſe quereis ſer Maria ſendo Martha, aprendey neſte exemplo.

Soror Guiomar de S. Domingos Religioſa Dominica em o Moſteiro de Jeſus de Aveiro, ſingulariſſima em a devoçaõ do Roſario, tendo hum dia que amaſſar o paõ para a communidade, na noite, em que peneirou, por naõ perder tempo, ſe poz juntamente a rezar o Roſario; tinha-o junto a ſi em huma banca, e aſſim que rezava huma Ave Maria, paſſava huma conta com huma maõ, e com a outra em a peneira appiicando o ſentido á meditaçaõ dos myſterios, e proferindo com a boca a ſaudaçaõ Angelica, continuou em eſta forma todas as vezes, que ſe achou em ſemelhante funçaõ: eis que eſtando huma noite com huma maõ em o Roſario, outra em a peneira, miſturando em as farinhas jaſmins com roſas, ao levantar os olhos vio junto ao ſeu Roſario outro, naõ de contas, mas de roſas brancas, e encarnadas ſobre a meſma banca, taõ freſcas, e cheiroſas, como expreſſivas do jardim, de que brotavaõ; contou-as, e achou ſerem tantas as roſas brancas, como quantas Ave Marias tinha

tinha rezado, e na meſma forma os Padre noſſos tantas roſas encarnadas, quantos eſtavaõ ditos: admirada, e confuſa julgou que devia ſer engano, ou illuſaõ, e ficou com grande temor; porem firmando-ſe no que tinha diante de ſi, vio que por cada ſaudaçaõ Angelica, que dizia, ao paſſar da conta em o Roſario apparecia em o das flores mais huma roſa branca, e huma encarnada, quando era Padre noſſo, e que aſſim ſe continuava o viſtoſo, e fragrante Roſario: ficou cheya de doçura, e agradecimento á Rainha dos Anjos, que com tal prodigio ſe moſtrava ſatisfeita da ſua devoçaõ. Aſſim premiou Deos a virtude deſta Religioſa, porque naõ deixou por ella a ſua obrigaçaõ; ſe faltaſſe ao ſeu officio pelo ſeu Roſario, eſtay certa de que havia de contar Ave Marias, mas naõ havia de contar roſas.

Rematais dizendo: Aſſim paſſaremos, porque naõ ſó em o paõ vive o homem: aſſim he, que a ſentença de Chriſto naõ pode mentir. Da palavra de Deos vive o homem em quanto ao eſpirito, mas do paõ vive em quanto ao corpo. O meſmo Chriſto deo hum dia eſſa repoſta ao demonio,

monio, e ao outro lhe trouxeraõ os Anjos o paõ : jejuou quarenta dias, teve fome; vieraõ os Anjos, ſoccorreraõ-no com o banquete ; e ſe nem hum Deos em quanto homem deixa de haver miſter o ſeu paõ, vede vós, ſe poderá paſſar ſem elle o homem,que naõ he Deos? Da palavra de Deos vivia Elias porque era Santo, e era Profeta, mas tambem vivia do ſeu paõ ; fugindo á indignaçaõ de Jeſabel ſe achou deſamparado, quando Deos lhe mandou o ſeu paõ caritativo; porque Elias em eſta occaſiaõ naõ ſó vinha de ouvir a palavra de Deos, mas tambem de ver as obras de Deos em favor de Iſrael ; mas nem as palavras, nem as obras baſtaraõ para o ſuſtentar ; porque chegou a desfalecer, mandoulhe Deos o ſeu paõ. Eliſeo, que deſte Elias tinha o eſpirito dobrado, quando lhe faltou o paõ, o foy pedir á viuva da Sarepta, e duplicoulhe a farinha naõ ſó para a ſuſtentar a ella, mas para ſe ſuſtentar a ſi ; tinha a palavra de Deos, mas quiz o ſeu paõ. Em o deſerto eſtava Paulo o primeyro Ermitaõ, e lá lhe mandava Deos o ſeu paõ pelo corvo; a elle naõ lhe faltava fruta,porque tinha a palmeira, mas Deos ainda depois

pois de lhe dar as tamaras, achou que lhe naõ podia tirar o paõ; e naõ era paõ de mortificados, era paõ de mimosos, paõ alvo, paõ floreado, paõ doce; e vós expondes vossas irmans a que comaõ o paõ queimado, o paõ negro; pois ellas naõ saõ mais mortificadas, que Paulo, nem que Elias, e rematais em que naõ só do paõ vive o homem, porque vive da palavra de Deos; em quanto ao espirito assim he. A' alma deo Deos o seu paõ no Sacramento; he taõ preciso o paõ, que o repartio Deos a todas as quatro partes do mundo; aos Europeos, e Africanos deo Deos o seu paõ em o seu trigo; aos Americos em o seu maíz; aos Asiaticos em o seu arroz; e supponde que ás vossas irmans em o vosso cuydado: cuydado com o celleiro, cuydado com as farinhas, cuydado em o forno, para que assim como lhes dais hum paõ de obrigaçaõ, lho deis de caridade: a caridade he muy clara, dailho branco; a caridade he muy suave, dailho doce; a caridade he muy diligente, dailho bem amassado, e assim sendo boa para todos em o vosso officio, sereis melhor para Deos em o vosso merecimento. Voou a

rola,

rola, e a celleireira tratou de alimpar o ſeu celleiro de formigas, e a ſua obrigaçaõ de negligencias, quando hum melro a convidou desde o clauſtro com eſta muſica.

A los hombres reparte
El Padre raro,
Dandole el pan divino,
El pan humano.
Haſta el ruſtico tiene,
Porque le ſobre
En granos de topaſio
El pan mas pobre.
A los brutos offrece
La providencia
Tanto pan de eſmeralda
En paſto de yervas.
Por el grano dorado
El ave baxa,
Y las eras le offrecen
Su meſa franca.
Haſta aquel, que no come,
Raro prodigio,
Pide ſu pan al ayre
Del ayre miſmo.
La abeja a Flora pide
Su pan de gracia,
Y ſiendo flores oy,

Es mel mañana.
A las plantas y flores
El Alba bella
Le dá con su rocio
El pan de perlas.
Dime como no admiras
Tu, que reparas,
Tanta misericordia
De un Dios a un nada!

DISCURSO XI.

O GANSO A' PROVISORA.

EM a proviſoria ſe queixava a official daquelle officio de que lhe eſperdiçavaõ os adubos; quando lhe reſpondeo hum ganſo, que alli eſtava; ſeria para ſacrificio de alguma ceya: Nem os mandeis eſperdiçar, nem prohibir, que taõ mao he o diminuto, como o ſuperfluo, e porque melhor o advirtais, ouvi a obrigaçaõ do voſſo officio. Haveis de dar o comer ás Religioſas, pobre, e aſſeado, bem feyto, e a horas: pobre, porque a meſa ha de dizer com o habito, e quem pede eſtamenha para veſtir, naõ ha de pedir perdiz para comer; regalos de valor naõ ſe compraõ a preço de Communidade: aſſeado, porque a limpeza he a melhor iguaria, e eſta naõ eſtá prohibida na meſa da abſtinencia: bem feyto, porque ainda que as vejais obrigadas á mortificaçaõ, eſtais vós

mais obrigada á caridade; de pouco cuſto como a pobres, mas de bom tempero como a mulheres; naõ eſtaõ em a Thebaida, onde hum cacho de uvas mandado a Santo Antonio Abbade correo todo o deſerto, preſenteado de hum a outro por naõ haver quem ſe atreveſſe a goſtallo, até que veyo a tornar á maõ do meſmo Santo. Naõ eſtaõ em o ermo da Penhuela Carmelitana, aonde hum fio de azeite em as hervas era o mayor regalo em as Paſcoas. Naõ eſtaõ em as covas do noſſo Montemór, aonde os ſervos de Deos, que as habitaõ, ſe agazalhaõ em o mayor rigor do inverno com huma fatia de paõ quente ao fogo; eſtaõ, aonde podem goſtar ſem nota tudo, o que ſe lhe adminiſtrar ſem demaſia; fazei-o de ſorte, que ſe naõ perca o cuſto do manjar, que he o mais, pela falta de adubos, que he o menos, e eſte reparo tambem he recommendaçaõ da pobreza. Digovos que chameis ao refeytorio a horas, porque em toda a meſa he o melhor prato o ſer a tempo, e em a das Religioſas de obrigaçaõ, porque em tudo devem guardar a boa ordem; em couſa nenhuma ſe haõ de parecer com os do mundo; deſtes o relo-

relogio ſempre he ás aveſſas do tempo, e aſſim como fazem para o deſcanço do dia noite, faraõ para o comer da ceya jantar; ſaõ os voſſos antipodas; quando o mundano ſe recolhe ao ſeu catre, ſe levanta a Religioſa da ſua tarima. Se alguma Religioſa ſe queyxar do tempero em o comer, reprehendei ás coſinheiras o pouco cuidado, e á Freira a pouca mortificaçaõ; áquellas com ſeveridade, a eſta com brandura; bem he lembrarlhe a abſtracçaõ de regalos, ainda que mandeis emendar o diſſabor em o comer: naõ creyo que em nehuma haja golodiçe de minina, mas poderá haver em alguma melindre de mulher: a iſto dizia hum pratico que eſtava muyto melhor com o melindre, que com a golodice, porque o melindre toçava em pouco, e a golodice engolia tudo. A eſte propoſito vos trarey huma hiſtoria, que naõ deixa de ter ſua graça.

Tinha certa matrona (que naõ deſmerece por eſta prevençaõ o nome) cuydado de recolher frutas para o tarde, de cuja caſa entregava a chave a hum criado; era o marido muyto regalaõ, e goloſo, que huma couſa anda annexa a outra; eſte

tomava a chave ao criado, e sem que o soubesse a mulher, dava em a fruta, que ainda estava vedada, sem esperar lhe fosse permittida ; de todas tirava sem exceptuar nenhuma : o criado o sentia muyto, porque aquella guarda era sua, mas o seu respeyto dissimulava ; perguntoulhe hum dia o amo, que fruta entre todas era a melhor ; estava com o sabor das que tinha comido ; respondeo o criado : (era discreto) Para os minimos as cerejas, para os moços, alludindo aos amores, ou ás discordias, que huma, e outra cousa he de sua verdura, as maçans, para os velhos as sorvas. Replicou o amo rindo-se : E para os golosos ? Para os golosos como vós, acudio o criado, saõ as melhores todas. Os que a si mesmos se prejudicaõ, saõ os golosos, vos diz o primeyro dia de todos. Se Eva se abstivera da maçã, naõ perdera o reynado do Paraiso, se Esaú naõ appetecera as lentilhas, naõ perdéra o morgado da bençaõ, se Jonathas se naõ levara da doçura do mel, naõ arriscara a vida nas iras do pay : mortificar o appetite naõ só he conselho santo, mas conselho fysico ; a temperança he huma virtude, que naõ só for-

fortalece a alma, mas conſerva a vida. Dirmeheis: Todo o comeſtivel, que Deos creou, foy para o ſuſtento do homem; aſſim he; mas accreſcentay, que foy para o ſuſtento, e naõ para a demaſia, para a providencia, e naõ para a gula, para a conſervaçaõ, e naõ para o appetite; creou as frutas para o refreſco, e naõ para o regalo, creou os peixes, para que ou o fogo os aſſaſſe, ou a agua os cozeſſe, e naõ para que delles ſe fizeſſem taõ opulentos pratos, que vem a ſer muyto mayor o cuſto do adereço, que o do manjar, aonde ſe conſomem as manteigas nos fritos, as eſpecies nos adubos, as farinhas nas maſſas, os ovos nas guarniçoens: diſpenſou as carnes já quando a natureza eſtava mais deſcahida: para huma pedra ferida, e hum lenho cortado baſtaſe o cozinhalla, e naõ para que a reveſtiſſem de taõ diverſos generos, que muytas vezes em hum prato ſe ha de miſter eſtudo para conhecerſe o de que he. Creou o açucar em as cannas para credito da natureza, e naõ para ſuſtento dos homens, que a ſer aſſim, naõ eſtivera tantos ſeculos ignoto: creou o mel, naõ para a doçura do favo, mas para a utilidade da cera; per-

mitte que de tudo se aproveite o homem; naõ para a golodice, mas para a conservaçaõ. Tambem vos direi que creou o cacáo, naõ vos hei de dizer que o creou, para que ao dia de jejum tome o chocolate sem necessidade, quem o toma por appetite, e bom fora que ficassem só neste os aggravos do Santo. Hum grande desta Corte praticando com certa pessoa em tempo de Quaresma; vencida parte d'ella, lhe veyo a dizer como até alli a naõ jejuara; perguntada a causa, respondeo que levara aquellas semanas caçando, e como em este exercicio se madruga, e se trabalha, lhe naõ fóra possivel o jejuar; com que o desenfado da caça lhe dispensou o preceito da Igreja, e naõ sey se tambem com o jejum o peixe, porque elle naõ caçava em o mar; dalli levou a admoestaçaõ, naõ sey se levou a emenda.

Senhora, nada do que aqui vos tenho referido, he em ordem a que as Religiosas naõ comaõ, antes vos exhorto a que naõ só lhe deis o comer, mas muyto bem feyto, e taõ abundante quanto permittir a possibilidade do mosteiro, e quando esta falte, seja a vossa diligencia a que suppra em

o seu

o ſeu remedio ; a minha tençaõ he o deſejar que ſe naõ apeguem as Religioſas a comerinhos ſuperfluos, porque pelo regalo humano naõ percaõ a Ambroſia divina. Lembrada eſtareis de hum exemplo, que podendo eſcuſar por ſabido, o trago a propoſito : direis que o tendes lido muytas vezes; lede-o outra, que niſſo podeis ganhar muyto, e perder pouco. Tornay a recordar o como hum Monge de S. Bernardo, Religioſo em o habito, ſecular em o regalo, minino em o appetite, a titulo de enfermo, fazia lhe deſſem em o refeitorio manjares delicados, quando ſeus irmaõs os comiaõ taõ groſſeiros, que huma tigella de legumes por adubar, quando era a ſua iguaria, era o ſeu regalo; levantados hum dia da meſa, aonde entre tantos mortificados fazia eſte ſó o papel de goloſo, ao entrarem á caſa, em que davaõ graças, os eſperou á porta huma eſtrella animada, huma flor de Jerico, huma mulher divina, huma Maria humanada, a qual com huma maõ do Ceo tirava de huma porçolana pura huma colher de delicia ſuave, que dava a cada hum, que hia entrando; o noſſo mimoſo ou attrahido do cheiro, ou

do

do natural anciava aquelle regalo; chegou a tomar a ſua porçaõ com alvoroço; a Senhora mudando o Ceo ſereno em roſto ſevero lhe diſſe: Eſte mimo he para os meus filhos, aquelles, que mortificados, e abſtinentes ſe cõtentaõ com as hervas ſem ſal, que lhes adminiſtra a pobreza, e naõ para os que, como tu, fazem buſcar manjares delicados para ſatisfazer o appetite com a cor da enfermidade. Ficou o Religioſo taõ corrido, como peſaroſo em ver ficava excluido d'aquella divina porçaõ, e aſſim com muytas lagrimas aos pés da Senhora, que ſe lhe deo a conhecer, lhe proteſtou emenda, e pedio miſericordia: a mãy deſta, que naõ ſabe negalla, lhe concedeo logo a ſua colher, em a qual achou tal ſuavidade, que comparados a ella todos os mais manjares appetecidos lhe faziaõ faſtio imaginados, e aſſim nunca mais buſcou outros fóra os da Communidade, ſendo em eſta o mais mortificado, o que havia ſido o mais excedido. Bem nos moſtra eſte caſo, que para termos os regalos do Ceo nos hávemos de abſter dos da terra, a cujo propoſito trarey tambem hum apologo, que em ſombras vem a

ſer

ſer o meſmo, que o exemplo em luzes, para que com a novidade de hum perdoeis a antiguidade do outro.

Querendo Jupiter qne os humanos provaſſem dos nectares celeſtiaes, convidou a quatro dos mais favorecidos para darlhes em o Olimpo hum almoço, que conſtava de hum prato da ſua Ambroſia. Alvoroçados os homens para o manjar dos deoſes, partiraõ de noite para chegarem bem de manhã; era o caminho aſpero, a ſubida ingreme, com que já ao riſo da Alva, ou ao pranto da Aurora ſe acharaõ canſados, e ſequioſos; alentados conforme a providencia, que encontraraõ, chegaraõ ao cume do monte, aonde eſperava o Tonante, moderando as luzes, porque melhor o viſſem; recebeo-os muy humano frãqueandolhe a maõ por demonſtraçaõ mais urbana; chegou o primeyro a beijarlha: Que he iſto, diſſe o deos, trazeis os labios viſcoſos? Senhor, reſpondeo o convidado, ao ſubir o monte me achey canſado, e ſequioſo, e para alimentarme, e vir a adorarvos mais ligeiro, topando em poucas abelhas, e pobre enxame hum favo de mel, o goſtey, e com iſſo pude com mais bre-

brevidade chegar a vossos pés, sem que este alvoroço me deixasse advertir em purificar minha boca. Callou Jupiter, e veyo o segundo; ao pegarlhe da maõ a retirou o graõ Tonante, e disse: Com maõs ensanguentadas vos atreveis a tocar a minha? Respondeo o homem com a mesma pressa, que seu companheiro: Encontrando em o caminho huma amoreira desfrutei meya duzia de amoras, com que alentei meus passos para chegar a vosso acatamento, tingiose a maõ em o viço do fruto; disse, e retirouse, sem que o terceiro ousasse a chegar, a tempo, que appareceo o quarto, que havia ficado atraz: Como tardastes mais que os outros, lhe disse Jupiter, quando todos devieis vir voando? Divino Jove, respondeo elle, sou humano, e cansei, e achandome sequioso, parei a mugir de huma cabra perdediça huns tragos de leyte, com que me cobrei para esta subida. Aqui poz Jupiter os olhos em o terceiro, que se conservava mais desviado por mais reverente, e lhe disse: E vós com que alentastes o vosso desalento? Senhor, respondeo elle, tambem o senti como homem, mas naõ o reparei como grosseiro, parecen-

cendome que quem ſubia pela Ambroſia divina, naõ era juſto goſtaſſe primeyro os manjares humanos; o que fiz, foi abrir a boca ao orvalho do Ceo, e com elle me refrigerei; com ſó eſte viatico chego á voſſa preſença. Aqui ſevero Jupiter diſſe para os outros: E vós outros, que caminhando ao meu banquete vos embaraçaſtes com as golodices do mel, com os regalos da fruta, com as groſſarias do leite, naõ eſtais capazes de goſtar os nectares celeſtiaes, que eſſes ſó ſe permittem a quem ſe abſtem das delicias terrenas; com que vos dou por excluidos deſte banquete; fique ſó a ſer meu convidado o que ſe alentou com o borrifo do Ceo ſem embaraçarſe com as groſſarias da terra; e pegando da maõ ao terceyro, o aſſentou á ſuâ meſa, aonde goſtou em doçuras, quanto lhe diſpenſou em Ambroſias. A doutrina já a tem dado Jupiter, e o exemplo meditem as Religioſas, para que ſe animem a deſprezar aquelles regalos, que buſcados pela natureza podem ſer eſtorvos para os que lhes diſpenſar a graça. Senhora, tornovos a exhortar a que as trateis muyto bem em o voſſo officio; os regalos, ſe os introduz o

ap-

appetite, saõ venenosos; porem se os offerece a providencia, saõ salutiferos; gostem o que tiverem, ainda que seja bom; naõ se desvelem pelo que naõ tiverem por ser melhor, e desta sorte naõ ficará escrupulosa nem ainda a mortificaçaõ; saõ mulheres, tratemse sem rigor; saõ Religiosas, tratemse sem melindres, e vós, porque nada lhes falte, suppri com a vossa industria o que naõ achar a vossa possibilidade. Callou o ganso, e cantou o melro que de hum loureiro vizinho se ouvio sonoro.

La Provisora rara,
Providencia divina,
Deidad de los mortales,
Siendo de todos madre, es de Dios hija.
A todo lo vivente
A su mesa convida,
Sin que el vil guzanillo
Del hombre pueda fomentar imbidia.
En su mesa opulenta
Dando a todos benigna,
Sin ver disparidades,
Al gigante sustenta y a la hormiga.

Es

Es una, es divina, es ſabia,
Luego que nó hará digna
Con ſu poder ſupremo,
Siendo una, ſiendo ſabia, ſiendo
divina.
A todo el univerſo
Suſtenta ſuceſſiva
Los dias, y los ſiglos,
Porque para ella un ſiglo es como
un dia.
Cantenle en dulce tono
Vozes agradecidas
Maravillas, y gracias,
Pues de gracia nos dá ſus mara-
villas.

DISCURSO XII.

A POMBA A' ENFERMEYRA.

DA enfermaria ſahia a Enfermeira, arguida de outra, e lhe reſpondia: A minha obrigaçaõ he aſſiſtir ás doentes. Aqui lhe reſpondeo huma pomba, que deſceo do telhado, e chegou a ouvilla: E porque melhor conheçais, ſenhora, que he eſſa a voſſa obrigaçaõ, vos dignai de ouvirme eſtas verdades taõ claras como a minha cor, taõ candidas como a minha natureza. Vós das doentes ſois mãy, ſois irmã, ſois amiga, ſois companheira, ſois eſcrava, e ſois ſenhora; vede agora a obrigaçaõ, em que vos deixaõ todos eſtes titulos. Sois ſua mãy, porque as affagais; ſois ſua companheira, porque as aſſiſtis; ſois ſua amiga, porque as remediais; ſois ſua eſcrava, porque as ſervis; ſois ſua ſenhora, porque as mandais, e ſois ſua irmã, porque o ſois, e com todos eſtes officios, que lhes fazeis,

zeis, mais lhe deveis vós em o merecimento, que ellas vos devem em o beneficio, mais ganhais vós ſervindo hum dia ás doentes, q̃ ſe ſervireis hum anno ás ſans; ſervir aos ſaõs he ſervir a quem ſe póde ſervir; ſervir aos enfermos he valer a quem ſe naõ póde valer; lá exercitaſe a virtude da humildade, cá a da humildade, e a da miſericordia; taõ ſenhora, que remio o mundo; e a miſericordia com todas as ſuas obras exercitais em as voſſas doentes; primeyra, e ſegunda acudindo á ſua fome, e á ſua ſede; terceira, compondolhe as camas, que ſaõ os veſtidos das enfermas; quarta, porque em as doentes viſitais enfermas, e prezas; quinta, porque em a voſſa enfermaria lhe dais pouzada, quando á ella chegaõ em a peregrinaçaõ de ſuas doenças; ſexta, porque as remis do cativeiro de ſeus males com os voſſos remedios; ſetima, porque quando alguma falta, vos naõ eſcuſais ao ultimo beneficio; oytava, porque os voſſos conſelhos em a ſua enfermidade ſempre ſaõ uteis para a ſua ſaude; nona, porque alli lhes enſinais o que para ella ignoraõ; decima, porque as conſolais triſtes, e ale-

grais melancolicas; undecima, porque as que vos acompanhaõ no officio, caſtigais com a reprehenſaõ ſevera, quando faltaõ em a obrigaçaõ deſcuidadas; duodecima, porque lhe perdoais facil a injuria, que fazem á voſſa piedade com os ſeus deſabrimentos; terciadecima, porque as ſofreis com paciencia, quando vos arguem ſem razaõ; quartadecima, porque pedis a Deos pelas que vivem, e rogais tambem pelas que morrem. Vede, ſenhora, quanto deveis eſtimar hum officio, em que ſe exercitaõ todas as obras de miſericordia; em elle ſervis as doentes, e em as doentes ſervis a Deos; ouvi-o da boca do meſmo Chriſto neſte caſo.

Eſtando a veneravel Catharina de Jeſus Carmelita deſcalça enferma da doença de morte, já taõ gaſtada, e enfraquecida, que naõ fazia movimento ſem ſer ajudada, elegeo para iſſo huma Religioſa de muyta virtude; como a doença foy taõ larga, como penoſa, algumas vezes ſe canſava de tanta aſſiſtencia, ſem poder attender a outra acçoens de ſua conſolaçaõ; huma vez, que a doente eſtava eſperando para virarſe, foy naõ muy goſtoſa, porque deyxava

xava outra occupaçaõ mais de ſeu agrado; chegando a deitar os bracos á enferma para manealla, ſe achou abraçada com Chriſto Senhor noſſo maltratado, e deſconjuntado como quando o tiraraõ da Cruz, e deſcobrindolhe ſeu roſto, e olhando-a lhe diſſe apontando para a enferma: Eu ſou. Com eſta taõ maravilhoſa viſta ſe lhe mudou a repugnãcia em grande ſuavidade, e deſde eſte dia acudio com grande goſto á enferma, ſabendo o quanto Deos nella era ſervido. O caſo foy eſte, e ſenaõ por revelaçaõ, podeis crello por fé, que paſſa por vós todos os dias, pois Deos eſtá em cada enferma, a quem ſervis, e Chriſto em cada doente, a quem conſolais; naõ cuydeis tendes ſó merecimento em ſervillas com os diſvellos da noite, e com o trabalho do dia, preſa a todas as horas, ouvindo o deſabrimento de huma, tolerando a ſemrazaõ da outra; naõ he eſte, ſenhora, o mayor grao da voſſa paciencia, nem o mayor trabalho do voſſo officio; eſte, ſenhora, he o ver padecer; ver padecer he o motivo da compayxaõ; ajudar a quem padece o deſafogo da piedade. Vede vós agora quanto vay do ali-

vio á magoa, e me atrevo a segurarvos, que mais padece quem assiste ao doente em a compayxaõ, que o mesmo doente em a enfermidade. Ouvi hum texto.

Está Job hum retrato da paciencia, hum compendio das dores, hum espectaculo de chagas, taõ enfermo, que se explica, que a sua doença foy recopilaçaõ de todas; nunca Job em esse horroroso tormento deixou de falar, nunca o deixou mudo a dor do que tolerava: ouvi-o em a perda da sua fazenda, em a morte de seus filhos: *Dominus dedit, Dominus abstulit.* Ouvi-o reprehendendo a mulher, quando o arguio em a sua paciencia: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* Ouvi-o, quando da cabeça até a planta estava feyto huma chaga, amaldiçoar o dia, em que nasceo, e a noite, em que foy concebido: *Pereat dies, in qua natus sum, & nox, in qua dictum est.* Ouvi-o queyxarse de haver nascido: *Quare non in vulva mortuus sum?* Ouvi-o sentido do leyte, que o alimentava: *Cur lactatus uberibus.* Finalmente abri o texto, e alli o achareis taõ dilatado em os lamentos, taõ largo em os queixumes, que naõ só o deixon fallar

fallar a ſua dor, mas o deixou fallar muyto. Noticioſos do ſeu incomparavel accidente chegaõ os ſeus tres amigos a viſitallo, Eliphas, Baldad, Sophar; como aviſtáraõ aquelle eſpectaculo de laſtimas, raſgando as veſtiduras, lançando cinza ſobre as cabeças, as pozéraõ por terra, e diz a ſagrada Eſcritura, que aſſim ficáraõ ſete dias, e ſete noites ſem falarem palavra com a vehemencia da dor; de ſorte que Job, que ſofre a enfermidade, nunca paſma, ſempre articula, e nos amigos, que ſó o aſſiſtem, he taõ differente a pena, que os deixa mudos? Sim, porque Job padece, e os amigos vemno padecer; elles padecem a compayxaõ, Job adoece em a peſſoa; os amigos em o amor, e em concluſaõ Job padece em o corpo, os amigos em a alma; e vai tanto de ſentir a ſentir, que a eſtes fez paſmar a dor, e áquelle deixa voz para queixarſe; e a ventajem deſte padecer nos prova Deos em o meſmo Patriarca, pois dando licença ao demonio para deſtruirlhe a fazenda, matarlhe os filhos, chagarlhe o corpo, lhe prohibio o tocarlhe em a alma: *Animam illius ſerva.* Achou Deos que para perder fazenda, filhos, e ſau-

de baſtava a paciencia de hum Job, mas para tormentos da alma, para aflicçoens do eſpirito até o ſofrimento deſte Job ficava arriſcado, e naõ quiz Deos arriſcar o ſofrimento de ſeu ſervo. Eſta he a paciencia de quem vé padecer taõ differente á de quem padece, que ſe quem padece, tem boca para ſe queixar, quem vé padecer ſó tem alma para ſentir, e eſta he a ventajem do merecimento; que levais ás voſſas doentes; grande o officio, que vos lavra taõ grande coroa!

Tende muyto cuidado em o regalo das doentes; para as ſans póde haver naõ ha, para as enfermas ſempre ha de haver; ſe os poſſiveis da communidade naõ abrangerem, ſuppraõ os da voſſa caridade; ſe vos faltarem as poſſes, valeivos da fé, que he o theſouro dos neceſſitados: quem, ſenaõ a fé em a providencia, fez com que eſtando enferma a veneravel Anna de S. Bartholomeo Carmelita deſcalça com tanto faſtio, que em tres dias naõ pode paſſarlhe bocado, appeteceo huma laranja, e callando pela ſua mortificaçaõ o ſeu deſejo, chegaſſe á roda do moſteiro hum pobre, que virando-a com tres laranjas diſ-

ſeſſe

ſeſſe á rodeira as levaſſe á enferma? Em a meſma reforma outra Religioſa muyto enferma, e muyto faſtienta perguntada da enfermeira o que appetecia, reſpondeo que comeria hum paſſarinho. Quem, ſenaõ a fé na providencia, fez com que ſahindo á baranda viſſe nella o deſejado paſſarinho a enfermeira, o qual ſe deixou prender della ſem reſiſtencia, e aſſim como o hia aſſando, hia creſcendo de ſorte, que teve nelle para comer dous dias? Quem, ſenaõ a fé em a providencia, fez quando Santa Catharina de Cardona eſtava em o ermo com huma companheira enferma, ſahiſſe todos os dias da cova, que era a enfermaria da doente, e com ella huma gata, que alli tinha, a trazerlhe do mato huma perdiz, com que a alimentava? De caſos ſemelhantes eſtaõ os livros cheyos, e em todo o tempo he a providencia a meſma para obrar maravilhas. Dirmeheis que naõ ſois ſanta para fazerdes milagres; reſpondovos que naõ faz milagres a que he mais ſanta, ſenaõ a que tem mais fé. A eſte propoſito vos contarei hum apologo, com que darei fim a eſte diſcurſo, que as parabolas eſtaõ autorizadas pelo meſmo Chriſto.

Houve hum Rey muy poderoso, o qual tinha huma filha; a esta por sua rara belleza chamaraõ o Milagre; trazia ElRey exercitos contra seus inimigos, de quem seus Capitaens lhe alcançaraõ grandes vitorias, pelas quaes esperavaõ correspondente galardaõ, que assim lho promettia a generosidade do Rey, e o merecimento da sua lança. Mandou o Monarca chamar hum dia a estes famosos guerreiros, e passadas as primeyras adoraçoens, que lhes gratificou humano, lhes perguntou severo: Qual de vós tem atrevimento para esperar ser esposo de minha filha? Aqui todos perturbados, todos timidos, lançados a seus pés lhe responderaõ: Nenhum de nós, senhor, espera o de que naõ he digno; e assim se foraõ sahindo da sala, dando-se por indiciados, ainda que naõ delinquentes, em aquella alta pertensaõ. Reparou ElRey em que despedindo-se todos, ficara só hum soldado raso, e de taõ pouco tempo em a milicia, que naõ havia feyto ainda nella progresso algum: perguntoulhe ElRey o que fazia alli; respondeo: Espero: Por quem? disse ElRey: Pela Princesa, tornou o soldado: Pois como esperais vós, disse El-

Rey,

Rey, quando os outros de mayor valor ſe naõ acharaõ dignos? Porque tenho fé, diſſe o ſoldado. Pois vós, diſſe ElRey, tiveſtes mais fé, naõ importa que tenhais menos virtude: eu vos dou a Princeſa, porque quem melhor a eſpera, he aquelle, que melhor a merece. Eſta, ſenhora, he a parabola; e quem he eſte Rey, ſenaõ o do univerſo, que a graça de ſua filha fazer milagres naõ ſempre a dá á mayor virtude, ſenaõ á mayor fé, deixando-a preferida aos que em ſeu ſerviço tem feyto muytos progreſſos, ſignificados em os Capitaens que naõ ouſaraõ a eſperar ou de cobardes, ou de reſpectivos? Senhora, eſtais em hum officio, em que podeis fazer milagres como ſanta, e em que repartis miſericordias como Deos. Eſtimai a ſorte, e naõ deſprezeis a occaſiaõ; contai em eſta os dias para deſejar eſtendellos, e naõ para querer abbreviallos, e ſempre lhe ficai chamando os voſſos dias, pois ſó ſe vivem os em que ſe exercitaõ as virtudes, e ſaõ mortos os em que ſe eſquecem as piedades. Callou a pomba, e cantou o pintaſirgo, ſeguindo eſta letra aquelle diſcurſo.

El que de amor no adolece,

No

Nó diga que enfermo está,
Que la dolencia es melindre,
Quando nó es amor el mal.
Del enfermo,que nó ama,
Innocente el pulso está,
Porque con coraçon tibio,
Ardiente pulso no ay.
El que muere,y no es de amor,
Quando en passamiento está,
No sabe lo que es morir,
Aunque se veya espirar.
Aquel, que sin amor gime,
Delinquente llega a estar,
Pues para dar un suspiro,
Al amor le roba un ay.
Si de amor no mueres divino,
Oye mortal,
Nó sabes que es morir,ni que es vivir,
Ni que es amar.

DISCURSO XIII.

A CEGONHA A' REFEYTOREYRA.

DO telhado da meſma officina baxou huma cegonha até á janella a tempo, que a Refeitoreira negava hum livro dos que no refeitorio ſe lem, a huma Religioſa, que lho pedia ; aqui em virtude do dia lhe deo a ave eſtes aviſos. Senhora, livros taes naõ ſe negaõ, antes ſe offerecem ; como vos atreveis a evitar a voſſa irmã hũ divertimento juſto, huma converſaçaõ ſanta, huma liçaõ divina, que tudo iſto ſe acha em hum livro eſpiritual? Quereis que vá aprender nas comedias a ſer dama, nas novelas a ſer conquiſtada, nos verſos flores inuteis, nas profanidades frutos venenoſos? Negaislhe hũ Flos Sanctorum, aonde para a penitencia achará hum Jeronymo, para o amor hum Bernardo, para a pobreza hum Franciſco, para o pranto hum Pedro, para o ſofrimento hum Alexo,

para

para o valor hum Sebastiaõ, para a mortificaçaõ hum Pedro de Alcantara, para o vencimento huma Catharina, para a resoluçaõ huma Teresa, para a pureza huma Clara, e para a obediencia todos os referidos? Das letras de hum livro espiritual podeis tirar tres SSS, que naõ tem preço, S de santa, S de solicita, S de sabia; nelle dais companhia verdadeira, conversaçaõ sem estrondo de creaturas, huma occupaçaõ sem trabalho de obras. Pelo contrario em hum livro profano converso com quem me mente, pergunto a quem me naõ ensina, busco a quem me perde. Senhora, se destes encontrardes algum, quemai-o; se dos outros vos pedirem, offerecei-o, sendo liberal em dar, e fazei que sejaõ pontuaes em restituir: naõ ouçais a quem vos differ: He hum livro divertido, naõ tiro mal algum, melhor he gastar nisto o tempo que em murmurar: ha razaõ como esta? Porque? Ou hei de murmurar, ou ler patranhas? Perguntailhe, se manda Deos que ou leya comedias, ou murmure do proximo? Perguntailhe mais, que pensamentos tem em a oraçaõ o dia, em que lê as profanidades? Se está recolhida em o officio

officio divino, ſe tem deſejos de Deos, ſe tem aborrecimento do mundo? E ſe vos diſſer que ſim, dizeilhe, que mente. Naõ ha couſa, em que mais ſe reviſta o animo, que na liçaõ; he mantimento da alma, e aſſim como o corpo embebe em ſi a ſuſtancia, que lhe daõ, aſſim a alma fica embebida nas formas, que lhe introduzem, e ainda que haja alguma taõ ſenhora de ſeus penſamentos, que ao depois de os prender no profano, os prenda no ſagrado, póde por ventura livrarſe na liçaõ inutil da perda do tempo? Certo que naõ; e daqui inferireis que tal he a occupaçaõ, aonde he o tempo o menos que ſe perde; o theſouro, com que ſe pode ganhar o ceo, empregado nas mentiras da terra, em papeis melhores para o fogo, que para a deſpenſa. Ora a propoſito do que ſe tira delles, vos trarey huma parabola, em que o vejais em ſombras.

Em hum dos dias, em que Jupiter o deos dos deoſes ſe vinha paſſear á terra por ſe moſtrar humano com os mortaes, chegou a elle hum dos ſeus favorecidos, e lhe pedio quizeſſe por hum par de dias fiarlhe a chave dos coraçoens dos homens, que deſe-

desejava por divertimento ler destes incognitos livros os segredos : condescendeo Jupiter com a supplica , entregoulhe a chave benigno , sem advertir que os segredos do coraçaõ saõ de Deos , e naõ do homem : o que a tinha levado , a poucos dias tornou com ella ao Tonante achando-o em a terra , e lhe disse : Alto deos , tomay a vossa chave , que nem hum instante a quero mais em meu poder , e ainda que a vós tudo he manifesto, referirei o que com ella passei : Fui a ver,e roubar nos coraçoens dos homens tomando esta curiosidade por divertimento,e com a chave, que me franqueou o vosso favor , abri o coraçaõ de hum amante , e tirei delle hum frenesi, que me fez dar com a cabeça pelas paredes todo o dia ; passei ao de hum vaidoso, e tirei delle tanto vento, que me levou por esses ares , e por milagre vosso me naõ fiz pedaços ; passei ao coraçaõ de hum ambicioso , e trouxe delle huma sede tal,que em cousa alguma pude saciallа ; fuy ao de hum avarento , e achei-o taõ fechado com o seu ouro , que nunca pude abrillo ; fiquei,sem poder tirar de suas miserias , porque os miseraveis até destas saõ escas-

eſcaſſos ; paſſei ao de hum malicioſo, e achei-o taõ cheyo de veneno, que me inficionou os olhos, e eſtive para perder a viſta ; e pois eſtes ſaõ os coraçoens dos homens, eu me deſpeço de examinallos, pois delles tirei tantos perigos. A tua eleiçaõ, reſpondeo Jupiter, he que foy o teu riſco, porque ſe aſſim como abriſte os coraçoẽs dos peccadores, abriſſes os dos juſtos, tiráras delles as virtudes, como dos outros tiraſte os vicios, e daqui ficarás advertido, que do mal nunca ſe póde tirar bem, diſſe Jupiter, e ſubio aos deoſes, ficando o homem enſinado, ſe arrependido, e o que tirou dos coraçoens, que abrio, tirará dos livros profanos quem os ler, e ao contrario, como diz Jupiter, todas as virtudes ſendo eſpirituaes, e aſſim como o homem de coraçoens maos naõ póde tirar effeytos bons, aſſim dos livros profanos ſenaõ podem tirar effeitos virtuoſos: e neſte particular vos naõ digo mais, porque as hiſtorias vos teraõ enſinado quantos por hum bom livro começáraõ huma boa vida: aſſim ſuccedeo a Santo Ignacio de Loyola; e quantos pela má liçaõ ſe pervertéraõ! Ouvi agora alguns aviſos, que fazem ao voſſo officio.

O

O refeitorio deveis ter taõ asseado, que ainda que nas iguarias cheire a mortificaçaõ, a officina cheire a limpeza; os pratos de barro, mas toalhas de prata, que tambem sobre o barro da terra se assenta o candor das açucenas; seja tal que se acaso alguma secular entrar em o refeitorio, se edifique no parco, se recree no esmerado, vendo os pratos pobres de regalos, e as mesas ricas de asseyo: quizera darvos para estas humas certas toalhas, que nas partes Orientaes se achaõ, aonde indo hũ magnate de differente clima, e sendo hospedado de hum poderoso, levantada a primeyra coberta da mesa, pegou o senhor do toalha, e lançando-a sobre hum brazeiro, que estava na casa, por ser tempo de inverno, pasmou o estrangeiro de tal acçaõ, esperando o fim della; a toalha esteve no fogo por breve tempo, e tendo entrado nelle cheya de manchas, que o senhor da casa lhe fez tomar nas iguarias, saliodo brazeiro naõ queimada, mas purificada, limpa, e pura, que assim a deixou o fogo; perguntando o hospede como succedera tal maravilha, responderaõ, que o segredo estava na qualidade do linho, contra

tra o qual o fogo naõ podia queimar, alimpar ſim, porque lhe ſervia de ſabaõ: boas toalhas eraõ eſtas para o voſſo refeitorio, mas o voſſo cuidado ſupprirá pelos milagres da natureza. Manday ſempre prevenir a agua com muyta abundancia; antes ſobeje para a ſede, do que a ſede ſobeje para ella; as quartas eheas a toda a hora, ſem que o nevado do inverno deſmaye a prevençaõ do veraõ; he fruta de todo o tempo, ſeja em todo igual; as ſobras defende-as a pobreza, os regalos a mortificaçaõ; porém a agua naõ ha ley, que a defenda. Olhay para o Paraiſo; peccou Adaõ, e logo Deos lhe mandou fechar as portas, pondo nellas hum Querubim armado, para que daquelle mal logrado vergel defendeſſe flores, e frutos, ſem que delle ſe tornaſſe a ver fruto, nem flor; porém as aguas mandou repartir pela terra; diga-o o Nilo, que arrebentando na Ethiopia ſe eſtende pela Aſia; diga-o o Ganges regando o Oriente; diga-o o Eufrates eſpelho dos Indios, e diga-o o Tigre banhando com ſuas correntes aos Aſſirios; de ſorte que fechando no Paraiſo frutos, e flores, ſó as aguas re-

partio pela terra, porque as aguas naſcéraõ para todos, para todo o caſo, e para toda a hora, e por iſſo ſaõ ſignificativas da miſericordia divina. Nos mantimentos deo o graõ aos montes, os peixes ás redes, a carne ás manadas, os frutos aos tempos, ſendo tudo iſto ſucceſſivo; acaba hum, começaõ outros; mas aguas ſempre permanentes da-as a rios, fontes, e mares, a todos convida, para que bebaõ: *Omnes ſitientes venite ad aquas.* Naõ eſtranheis em que ſendo o voſſo officio de pouca entidade, entre nos aviſos deſte dia, porque todo o cargo he de conſideraçaõ para quem o tem á ſua conta: naõ ha officio, de que ſenaõ haja de dar conta a Deos: nenhum he leve para o juizo, quando ſe erra; todos ſaõ graves para o premio, quando ſe acertaõ: fugir do Purgatorio em todos. Ouvi eſte caſo.

Em o Moſteiro de Cordova de deſcalças de Santa Tereſa falecendo huma Religioſa, no meſmo dia, em que a enterraraõ, quando a Prelada ſe recolhia á cella, vio em viſaõ imaginaria a defunta aſſẽtada junto a ſi mui triſte; procurou deſprezar

eſta

eſta imaginaçaõ, parecendolhe o era, e nunca podé; perſeverou a viſaõ nove dias, acompanhava-a na oraçaõ; e a Prelada conſtãte em ſer apprehenſaõ, naõ dizia nada; appareceo a defunta a outra Religioſa familiar dandolhe a entender eſtava no Purgatorio neceſſitada de ſuffragios; reſpondeolhe foſſe á Prioreſſa; e lho diſſeſſe, porque a ella lhe naõ dariaõ credito: tornou a defunta: Já tenho ido nove vezes, ſem me querer ouvir; foy entaõ a Religioſa á Prioreſſa dandolhe conta do que paſſára, com que ſe reſolveo a admittir a defunta, ſe tornaſſe, e entrando em a cella ſe lhe deſcobrio; e attenta a ouvilla lhe diſſe entre outras couſas: Que todas as vezes, que tangia o ſino, com que chamaõ as officiaes, lhe parecia que lhe arrancavaõ os cabellos da cabeça juntamente com a pelle pelas faltas, que havia feito ſendo Refeitoreira, naõ acodindo com caridade, e diligencia aonde a chamavaõ, com o que mortificava as Religioſas. Excarmentaivos no exemplo, pois tendes o officio, e naõ façais pouco caſo de miudezas, que bem obſervadas ſaõ aljofares, que ainda que pe-

quenos precioſos, e deſprezados ſaõ argueiros, que ainda que miudos perjudiciaes, pois ſe ſe poem contra a viſta, aggravaõ; as nuvens, ſe ſe oppoem contra o Sol, empoaõ-no. Acabou a ave os aviſos, que continuou outra em o canto por eſta letra.

O tu, que guſtas,
Que te alimentas
En la caduca vida
De la meſa groſſera;
Dios te convida
Para otra meſa.
Tu, que en manjar humano
Ruſtica te ſuſtentas,
Como de tierra hija,
Pides pan a la tierra,
Dios te convida
Para otra meſa.
Tu, que ignoras el prato
De la meſa ſuprema,
Donde el nectar, y ambroſia
Es ambroſia, y nectar,
Dios te convida
Para otra meſa.
Tu, que en la tabla toſca

De otras gracias agena
En bucaro de barro
Bebes agoa de perlas,
Dios te convida,
Para otra meſa.

Tu, que en blancos manteles
Con tu ſuerte contenta
Guſtas en meſa pura
El ſal de la pobreza,
Dios te convida,
Para otra meſa.

Tu, que el banquete regio
Nó imbidias la opulencia,
Y aun de lo que baſta,
Te ſobra lo que dexas,
Dios te convida
Para otra meſa.

Tu, que en eſte deſtierro,
Donde todo es miſeria,
Aun más de lo que guſtas,
Vives de lo que eſperas,
Dios te convida
Para otra meſa.

DISCURSO XIV.

A CORUJA A' ROUPEYRA.

EM a ſua officina adminiſtrando a Roupeira o ſeu officio, dizia: Daqui tome cada qual o que lhe toca. O que toca a cada qual, lhe reſpondeo huma coruja, que a ſeguio, he a ſua roupa mui rica de aſſeyo, e mui pobre de curioſidade. Deſta ſorte, ſenhora, lhe haveis de adminiſtrar, dai-lhe nella a limpeza, que encommenda S. Bernardo, e a pobreza, que recommenda S. Franciſco, e aſſim fareis o voſſo officio, e as Religioſas a ſua obrigaçaõ: deixem para a perfeiçaõ os pontos miudos, para a roupa ſó os coſtumados, fiem mais delgado em as ſuas leys, que em o ſeu uſo; naõ lhe mandeis veſtir cilicios, que naõ eſtaõ em a Thebaida, nem lhe deis hollandas, que naõ eſtaõ em o mundo: açucenas tecidas, jasmins fiados merece o contacto de mu-

lhe-

lheres puras, mas pano pobre, tear groſſeiro ſe deve dar a mulheres ſacrificadas. Em os habitos adverti naõ façaõ galla da mortalha, que iſſo ſerá fazer zombaria da morte: ſejaõ taes, que motivem devoçaõ a quem os vir, e ſe edifique a quem os olhar: naõ ſe achem de miſtura as reliquias da vaidade com os córtes da mortificaçaõ: a nós as corujas, porque temos os toucados de Freiras, nos naõ deo a natureza huma penna de cor; ſe a natureza naõ fóra ſabia, naõ nos deixara chans, e ouvi para eſcarmento o que nos ſuccedeo huma vez, que quizemos enfeitarnos.

Chamou a aguia a cortes a todas as aves para diſpoſiçoens, que tocavaõ á ſua Monarquia; vieraõ voando ao ſeu preceito: as corujas reparando em ſi, ſentiraõ o veremſe taõ chans, porque quizeraõ entrar em aquella publicidade mais garboſas; viaõ o verde no papagayo, o encarnado na arara, o amarello em o pintaſirgo, o dourado em o pavaõ, o prateado em a pomba, e a eſte teor as mais aves, com quem a natureza repartio as ſuas galantarias; e abrumadas em eſta emula-

çaõ voavaõ pezadas mais, que para o alto, inclinadas á terra, e por iſſo concebiaõ taes deſejos; aviſtáraõ em o campo huma arara morta; todas concordáraõ em naõ perderem a occaſiaõ, que ſe lhes offerecia, e para logralla deſceraõ ao campo, e deſpennando a ave, ſe enfeitaraõ com as ſuas pennas repartindo-as entre todas: naõ vos admireis, ſenhora, deſte feito, que ſe os homens hoje ſe adornaõ com os cabellos de hereges mortos, que muyto que houveſſem aves, que ſe compozeſſem com as pennas da arara defunta? Muyto contentes com eſta galla de furta cores, ou de cores furtadas levantamos o voo até a eſfera, em que a noſſa Rainha nos eſperava; a todas as outras honrou, e recebeo benigna, e pondo em nós os olhos, diſſe desdenhoſa: Quem ſaõ eſtas, que as naõ conheço, porque para corujas tem pennas de arara, e para araras tem forma de corujas? Envergonhadas naõ ſoubemos que reſponderlhe; ella nos deſpedio mandando abateſſemos as azas á terra, até que em ella deſpiſſemos o que naõ era noſſo. Eſte caſo, ſenhora, que vos parecerá huma

huma fabula, ſe o profundares, vos parecerá hum exemplo; tirailhe a concha, e aproveitaivos da perola, annunciai-o a voſſas irmans, e ſaibaõ todas que ſe ſobre as cinzas do habito miſturarem os dixes da galantaria, e os moldes da curioſidade, iſto ſaõ as pennas da arara; quando forem chamadas á juizo, póde dizerlhe o melhor Juiz, que a aguia: Quem ſaõ eſtas, que as naõ conheço, porque para Religioſas trazem inſignias de ſeculares, e para ſeculares trazem caracteres de Religioſas? Livrenos Deos deſta ira de Deos.

Já ouvirieis de certo Cavalheiro Heſpanhol, o qual illuſtre, e poderoſo vivia com modeſtia taõ chriſtã, q̃ em o ſeu trato naõ havia couſa, que cheiraſſe a vaidade, tudo era edificaçaõ. Eſperavaſe na ſua terra huma occaſiaõ de grande empenho, e celebridade, para a qual ſe preveniaõ com cuſtoſos luzimentos: mandou o Cavalheiro ao criado, que lhe trouxeſſe humas amoſtras para o veſtido deſta feſta. Sahio elle, e entraraõ parentes, e amigos do Fidalgo a viſitallo, toda a pratica foy da occaſiaõ preſente, cada hum ſe gavava da galla, que

que prevenia, qual do rico do bordado; qual do brilhante da téla, qual do precioso da abotoadura : ouvia o Cavalheiro desgostoso, e callava timido sem atrever-se a reprehenderlhes tanta vaidade, a tempo, que chegou o criado com as amostras de huma téla rica, e já de traveſſo, ou já de enganado perſuadido a que em tal occaſiaõ quereria ſeu amo luzir como todos, ſendo quem era; vio elle as amoſtras, e com indignaçaõ as lançou em hum brazeiro, que tinha junto a ſi, dizendo : Eſtas amoſtras naõ ſaõ do meu pano. Aſſim deixou os circunſtantes reprehendidos, ao criado enſinado, e edificados a todos, os quaes naõ podiaõ dar á modeſtia nome de avareza, pois ſabiaõ que quanto apertava a maõ para ſi em o ſuperfluo, a alargava com os pobres, e neceſſitados. Senhoras, que profeſſais pobreza, adverti, ſe diz o voſſo habito com a voſſa ley, naõ vos arriſqueis a que vos deſconheça pelo veſtido quem vos ha de tomar cõta do habito, e vos diga : Eſſa amoſtra naõ he do meu pano; e vos arroje em mayor fogo, que o do brazeiro: arremedar no traje á eſpoſa do homem a eſ-

eſpoſa de Deos he arriſcarſe a que elle a negue; porque quem ſe disfarça, naõ ſe conhece, a ſua purpura he a ſua mortalha; tudo o que he enfeitalla, he deſmentilla; naõ ha olhos a quem pareça bem huma Religioſa profana; as de caſa murmuraõ-na, os de fóra reparaõ-na, os de Deos condemnaõ-na; pois logo para quem ſe adorna eſta Religioſa? Se he para enamorarſe em o eſpelho, aſſim como Narciſo em a fonte, elle lá converteoſe em fonte, ella cá ha de converterſe em caveira. A Religioſa, q̃ ſahe da ſua esfera em o traje, aggrava; a ſecular, que em o veſtir deixa o ſeu permittido, edifica; profana a Freira neſta materia o ſeu uſo, murmuraõ-na; veſteſe a Princeſa com modeſtia, louvaõ-na; aquella fica á viſta do Ceo muyto feya, eſta aos olhos de Deos muyto formoſa, e tanto aqui ſe agrada do que ſe lhe dá, como acolá do que ſe lhe furta. O quanto ſe offende da Freira vaidoſa, em muytos caſos o achareis; o quanto ſe agrada da Princeſa humilde, vereis em eſte acontecido a Santa Iſabel filha delRey de Ungria Princeſa de Lotharingia.

Ha-

Havia-se esta senhora desfeito das gallas, e joyas para vestir com o seu preço aos pobres, e soccorrer outras necessidades: succedeo pois que o Principe seu marido teve repentino aviso de que huns senhores Ungaros se achavaõ perto da sua corte, e queriaõ ver sua esposa em obsequio del-Rey seu pay; affligiose o Principe, porque o tempo era mui breve, e sabia que sua mulher naõ tinha aquelles adornos, que pedia sua grandeza para comprir com os estrangeiros; e disselhe estáva pezaroso de que a vissem aquelles senhores sem a ostentaçaõ, que em aquelle lance pedia a soberania dos seus estados, nem sabia que se fizesse, porque já naõ havia tempo para prevenillos. Respondeolhe a Santa, naõ tivesse pena, porque a ella se lhe dava muyto pouco daquellas vaidades; fóra de que Deos, por cujo amor as havia desprezado, os tiraria bem de aquelle empenho. Chegaraõ logo os senhores, e havendo dado sua embayxada, chamou a sua esposa, e ella entrou taõ formosa, taõ bizarra, taõ ricamente vestida de huma téla de cor de jacinto, e joyas preciosissimas, que era huma

UPR

huma admiraçaõ ; mais que todos ficou admirado ſeu marido deſta novidade, e quando ſe vio ſó com ella, lhe perguntou, donde houvera aquellas joyas, e gallas ; e ella lhe diſſe com hum ſorrizo : Senhor, o meu guarda joyas he mui fiel, e nunca que as haja miſter, me fará falta, dai graças a Deos, que ſempre torna com melhoras o que ſe dá por ſeu amor, e ſe deſpreza em ſeu obſequio. Eſtas demonſtraçoens faz Deos ás ſenhoras, que em o mundo fazem deſprezo do mundo ; outras em contrario fará com as Freiras, q̃ levaõ o mundo á Religiaõ : cuidado com eſte ponto, que he mui miudo.

Em os habitos, e roupa lhes dareis muyto aſſeyo, e poucos perfumes ; naõ ſeja que do fumo façaõ o fogo : cheirar a delicias naõ he para Religioſas, que quando recreyaõ o olfato, eſcandalizaõ a razaõ ; ſe a Deos cheiraõ mal, a quem eſperais que cheirem bem? As creaturas, que neſte particular vos virem nimia, naõ vos haõ de ter por juſtificada: fragrancias de mulheres profanas naõ dizem com mulheres endeoſadas. Foy Jacob furtar a bẽçaõ a Iſaac em

traje

traje de Esaú; o bom velho que já dos olhos se lhe tinha apagado a luz, disse: A voz he de Jacob, mas o cheiro he de Esaú; e assentou por esta circunstancia em ser aquelle o seu primogenito, e como a tal lhe deo a benção, e nella todo o seu morgado; Jacob sempre foy hum homem de Deos, Esaú sempre foy hum homem do mundo, e he cousa tão difficultosa persuadirse a que cheire ao homem do mundo o homem de Deos, que ainda conhecendo Isaac a voz de Jacob, não pode crer, senão que fosse Esaú: A voz he de Jacob, mas a mão, e fragrancia he de Esaú; esta não póde mentir, que creatura do Ceo não cheira a creatura da terra. Assim as pessoas dedicadas a Deos, quando cheirarem ás delicias do seculo, não as hão de ter por hum Jacob justo, hão de tellas por Esaú mundano. Desenganaivos, senhora, que em quanto buscarem estas fragrancias, não hão de pedir ao esposo as leve ao cheiro dos seus unguentos; as que correm pelas delicias do Ceo, são as que senão embaraçaõ com as da terra; estas diraõ huma, e outra vez: *Trahe me post te*, e gozáraõ dos aromas

mas de Siaõ, porq̃ fogem aos fumos de Babilonia. Neſte particular fazey muyto, ſenhora, por perſuadir a voſſas irmans ao melhor, ſervi-as muyto prompta para a caridade, muyto alheya para a delicia, e quando inſtem em ſeus profanos cheiros, ſe vos pedirem fumos, dizeilhes que os levou o vento; ſe vos pedirem flores, dizei que eſtaõ em os altares; ſe vos pedirem aromas, dizei que eſtaõ em a India; ſe vos pedirem oleos, lembrailhe os da unçaõ; ſe vos pedirem brazeiro, lembrailhe o do Purgatorio; andem muyto continuas ao coro, muyto chegadas á Igreja, muyto devotas ás Miſſas, e aſſim cheiraráõ a incenſo, que he o mais grave de todos os aromas; he cheiro de Deos, e até em a gentilidade foy cheiro dos deoſes. Naõ ſó ás Religioſas, mas tambem ás ſeculares he bem ſe inculque eſta fragrancia. Aſſim o entendeo certo Fidalgo Heſpanhol, o qual levado do ſeu genio uſava de cheiros com demaſia; eſta lhe murmurava huma ſenhora, dizendo que os homens haviaõ de cheirar a polvora, ſendo a dita dama mais enfeitada que devota; chegou ao Fidalgo a mur-

murmuraçaõ, que ella fazia delle, e respondeo a quem lha revelou: Dizei á senhora D. Fulana que quando sua senhoria cheirar a incenso, cheirarei eu a polvora; assim a deixou advertida, e a si despicado: o bem he para todos, o mao para nenhum; façaõ as Religiosas huma pastilha composta de todas as virtudes, assim como o thimiama dos Judeos o era de todos os aromas; esta queimada no fogo do amor, subiráõ ao Ceo os seus perfumes, encherá a terra sua fragrancia: sede puras como a açucena, sede candidas como o jasmim, sede humildes como a viola, sede abrazadas como a rosa, sede Angelicas como a angelica, e tendo todas estas virtudes, cheirareis a todas estas flores, das quaes fareis a Deos hum ramalhete firme, que dure por toda a eternidade, e para o vosso peito deixareis só o de que a esposa fallava, quando dizia: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Voou a ave, e outra lhe deo fim ao discurso, naõ com melhores avisos, mas com mais doce voz.

En un pecho amoroso

Un

Un ramillete vi
De clavel por la ſangre,
Por puro de jasmin.
Cinco llagas tenia,
Y tan vivas al fin,
Que flores las miré,
Y heridas las ſenti.
A la flor del amor
En todas deſcubri
Las finezas de Março
En las pompas de Abril.
Entre eſpinos la roſa
Dexava deſcobrir
Eſtremos de coral,
Tragedias de rubi.
Tierno a lo Portuguez
El jacinto cogi,
Pues no dize: Ya ſient,
Pero ya ſinto, ſi.
A los miſterios raros
De la prenda feliz,
Haſta la maravilla
Maravilla vi.
La morada violeta
Retirada adverti,
Porque eſta al ramillete
Se la hizieron deſpir.

Las finezas de Clisie
Nó se hallavan alli,
Porque al Sol adoré;
Y al girasol nó vi.
La perpetua mira,
Que la memoria aqui
Es suspiro al nacer,
Y perpetua al morir;
Este es el ramillete,
Que en el pecho feliz
De la Raquel amante
Se mira Benjamin.

FINIS.